LYGIA BOJUNGA

A BOLSA AMARELA

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

A BOLSA AMARELA

Lygia Bojunga Nunes
Ilustrações de Esperanza Vallejo

Editora AGIR

Rio de Janeiro
1993
22º edição

Coleção 4 Ventos”

Lygia Bojunga Nunes tem colecionado, ao longo dos anos, todos os prêmios nacionais de literatura infanto-juvenil.

Em 1982 foi agraciada com a medalha Hans Christian Andersen, considerada o Nobel dos escritores para a infância e juventude de todo o mundo, concedida pela IBBY International Board on Books for Young People), com sede na Suíça.

Seus textos são originais, sensíveis, profundos e universais. Sua linguagem é clara e ao mesmo tempo rica.

Vamos então à leitura, mergulhar nos personagens, vivenciar este universo.

Final da nota.

Depois de Os Colegas e Angélica, cujas histórias giram em torno de inesquecíveis animais, Lygia Bojunga Nunes reaparece junto ao público infanto-juvenil com A bolsa Amarela: romance de uma menina que entra em conflito consigo mesma e com a família ao reprimir três grandes vontades (que ela esconde numa bolsa amarela) - a vontade de crescer, a de ser garoto, e a de se tornar escritora. A partir dessa revelação - por si mesma uma contestação à estrutura familiar tradicional em cujo meio “criança não tem vontade” - essa menina sensível e imaginativa nos conta o seu dia-a-dia, juntando o mundo criado por sua imaginação fértil e povoado de amigos secretos e fantasias.

Ao tecer a própria história - a real e a sonhada - a menina vai contrapondo à constelação familiar de pais, irmãos e primos, os seres que ela inventa e que adquirem vida própria: os fabulosos galos Afonso e Terrível (vítimas de abusos da autoridade), um guarda-chuva-mulher, um alfinete de fralda, etc.

Ao mesmo tempo que se sucedem episódios reais e fantásticos, uma aventura espiritual se processa, e a menina segue rumo à afirmação como pessoa.

A Bolsa Amarela

Para Peter

SUMÁRIO

AS VONTADES

A BOLSA AMARELA

O GALO

HISTÓRIA DO ALFINETE DE FRALDA (QUE MORA NO BOLSO BEBÊ DA BOLSA AMARELA)

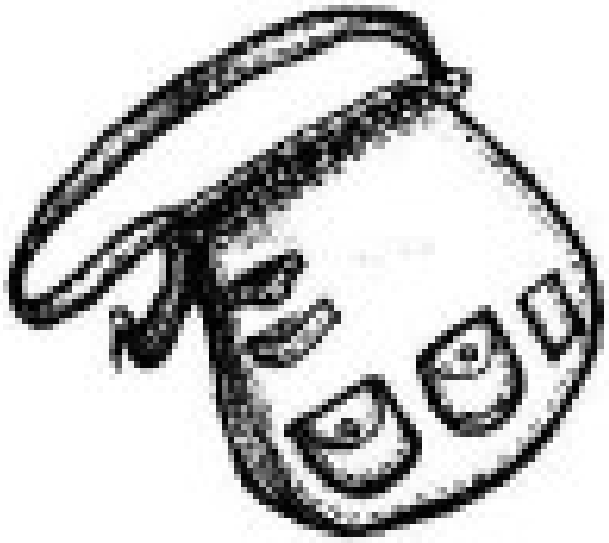
A VOLTA DA ESCOLA

O ALMOÇO

TERRÍVEL VAI EMBORA

HISTÓRIA DE UM GALO DE BRIGA E DE UM CARRETEL DE LINHA FORTE

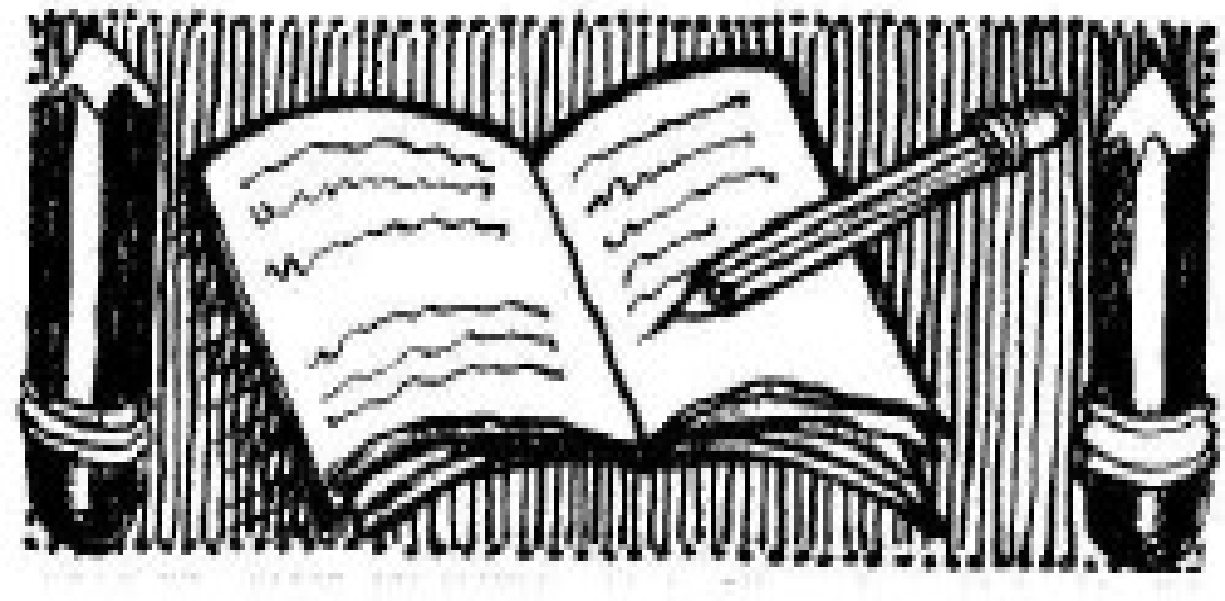
COMECEI A PENSAR DIFERENTE



NA PRAIA

1

AS VONTADES



Eu tenho que achar um lugar pra esconder as minhas vontades. Não digo vontade magra, pequenininha, que nem tomar sorvete a toda hora, dar sumiço da aula de matemática, comprar um sapato novo que eu não aguento mais o meu. Vontade assim todo o mundo pode ver, não tô ligando a mínima. Mas as outras - as três que de repente vão crescendo e engordando toda a vida - ah - essas eu não quero mais mostrar. De jeito nenhum.

Nem sei qual das três me enrola mais. Às vezes acho que é a vontade de crescer de uma vez e deixar de ser criança. Outra hora acho que é a vontade de ter nascido garoto em vez de menina. Mas hoje tô achando que é a vontade de escrever.

Já fiz tudo pra me livrar delas. Adiantou? Hmm! é só me distrair um pouco e uma aparece logo. Ontem mesmo eu tava jantando e de repente pensei: puxa vida, falta tanto ano pra eu ser grande. Pronto: a vontade de crescer desatou a engordar, tive que sair correndo pra ninguém ver.

Faz tempo que eu tenho vontade de ser grande e de ser homem. Mas foi só no mês passado que a vontade de escrever deu pra crescer também. A coisa começou assim:

Um dia fiquei pensando o que é que eu ia ser mais tarde. Resolvi que ia ser escritora. Então já fui fingindo que era. Só pra treinar. Comecei escrevendo umas cartas:

Prezado André
Ando querendo bater papo. Mas ninguém tá a fim. Eles dizem que não têm tempo. Mas ficam vendo televisão. Queria te contar minha vida. Dá pé?
Um abraço da Raquel.

No outro dia quando eu fui botar o sapato, achei lá dentro a resposta:

Dá.
André.

Parecia até telegrama, que a gente escreve bem curtinho pra não custar muito caro. Mas não liguei. Escrevi de novo:

Querido André
Quando eu nasci minhas duas irmãs e meu irmão já tinham mais de dez anos. Fico achando que é por isso que ninguém aqui em casa tem paciência comigo: todo o mundo já é bem grande há muito tempo, menos eu. Não sei quantas vezes eu ouvi minhas irmãs dizendo: "A Raquel nasceu de araque. "A Raquel nasceu fora de hora. A Raquel nasceu quando a mamãe já não tinha mais condições de ter filho."
Tô sobrando, André. Já nasci sobrando. É ou não é?
Um dia perguntei pra elas: "Por que é que a mamãe não tinha mais condições de ter filho?" Elas falaram que a minha mãe trabalhava demais, já tava cansada, e que também a gente não tinha dinheiro pra educar direito três filhos, quanto mais quatro.

Fiquei pensando: mas se ela não queria mais filho por que é que eu nasci? Pensei nisso demais, sabe? E acabei achando que a gente só devia nascer quando a mãe da gente quer ver a gente nascendo.
Você não acha, não?

Raquel.

Dois dias depois chegou a resposta. Estava escrita bem no cantinho do papel que embrulhava o pão:

Acho
André.

Não gostei de receber de novo telegrama em vez de carta. Mas assim mesmo continuei contando a minha vida pra ele:

Oi, André!
O pessoal aqui em casa até que se vira: meu pai e minha mãe trabalham, meu irmão tá tirando faculdade, minha irmã mais velha também trabalha, só vejo eles de noite. Mas minha irmã mais moça nem trabalha nem estuda, então toda hora a gente esbarra uma na outra. Sabe o que é que ela diz? Que é ela que manda em mim, vê se pode. Não posso trazer nenhuma colega aqui: ela cisma que criança faz bagunça em casa.
Não posso nunca ir na casa de ninguém: ela sai, passa a chave na porta, diz que vai comprar comida (ela vai é namorar) e eu fico aqui trancada pra atender telefone e dizer que ela não demora. Bem que eu queria pular a janela, mas nem isso dá pé: sexto andar.
Essa irmã que eu tô falando é bonita pra burro, você precisa ver. Nem sei o que é que ela é mais: se bonita ou mascarada. Imagina que outro dia ela me disse: "Eu sou tão bonita que não preciso trabalhar nem estudar: tem homem assim querendo me sustentar; posso escolher à vontade."

Aí eu inventei que o Roberto (um grã-fino que ela quer namorar) tinha falado mal dela. "Sabe o que é que ele andou espalhando?" - eu falei - "que você é tão burra que chega a meter aflição." Levei uns cascudos que eu vou te contar.
E de noite, quando o pessoal chegou (fui cedo pra cama porque vi logo vi que ia dar galho), ela contou que eu continuava a maior inventadeira do mundo. Aí foi aquela coisa: o pessoal todo ficou contra mim. Fui dormir na maior fossa de ser criança podendo tão bem ser gente grande.
Não era pra eu ter inventado nada; saiu sem querer.
Sai sempre sem querer, o que é que eu posso fazer? E dá sempre confusão, É tão ruim! Escuta aqui, André, você me faz um favor? Para com essa mania de telegrama e me diz o que é que eu faço pra não dar mais confusão. POR FAVOR, sim"?

Raquel.

Esperei a resposta uma porção de dias. Até que uma tarde deu uma ventania danada. A janela do quarto estava aberta, entrou uma folha de árvore, poeira, e um papel todo escrito com a letra do André: Vibrei: era uma carta no duro, maior até do que as minhas:

Querida Raquel.
Pra falar a verdade eu preferia não me meter nessa história: uma vez fui desenrolar o problema de uma amiga minha e acabei me enrolando todo também. Mas você pediu POR FAVOR, e fica uma coisa um bocado chata não atender um favor tão pedido com letra grande. Então eu pensei bastante, e acabei achando que pra não dar mais confusão você tem que fazer o seguinte: daqui pra frente você só inventa inventado, tá compreendendo como é que é? Se você inventa uma história com gente que não existe, aposto que ninguém

liga. Teu pessoal só fica chateado porque no meio da invenção você bota o namorado da tua irmã no meio, ou então o gato da vizinha, ou então a tia Brunilda, ou não sei quem mais. Mas se você inventa um caso com gente inventada, com bicho inventado, com tudo inventado, aposto que não te dão mais cascudo nem...”

Eu estava tão ligada na carta do André que nem tinha visto o meu irmão atrás de mim lendo também. Ele arrancou a carta:

- Quem é o André?

- Ninguém. O André é inventado.

Querida Andrea: Cuando nací, mis dos hermanas
y mis hermanos

Ele me olhou com aquela cara desconfiada que eu conheço tão bem.

- Já vai começar, é?

- Palavra de honra. Eu tenho mania de juntar nome que eu gosto, sabe? E eu gosto um bocado de André. Aí, quando foi no outro dia, eu estava sem ninguém pra bater papo e então inventei um garoto pro nome. Um garoto legal: dois anos mais velho que eu, cabelo e olho preto, e pensando assim igual a mim. Aí comecei a escrever pra ele.

- Escuta aqui: por que é que você acha que eu vou acreditar nessa história?

- Porque é verdade, ué.

- Ele é teu namorado? É aluno lá da escola?

- Que que há? tô dizendo que ele é inventado. Invento onde é que ele vai escrever, invento o que é que ele vai dizer, invento tudo.

Meu irmão fez cara de gozação:

- E por que é que você inventou um amigo em vez de uma amiga?

- Porque eu acho muito melhor ser homem do que mulher.

Ele me olhou bem sério. De repente riu:

- No duro?

-É, sim. Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode. Olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe pras brincadeiras, ele sempre é um garoto. Que nem chefe de família: é sempre o homem também. Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo do jogo que eu gosto, todo o mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa. É só a gente bobear que fica burra: todo o mundo tá sempre dizendo que vocês é que têm que meter as caras no estudo, que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter responsabilidade, que - puxa vida! - vocês é que vão ter tudo. Até pra resolver casamento - então eu não vejo? - a gente fica esperando vocês decidirem. A gente tá sempre esperando vocês

resolverem as coisas pra gente. Você quer saber de uma coisa? Eu acho fogo ter nascido menina.

Meu irmão nem ligou. Mas também por que é que ele ia ligar? eu tava dizendo que ser homem bom... Aí eu pensei que ele ia curtir conversar comigo, mas ele virou e disse:

- Então me conta: quem é o André?

Quase caí pra trás:

- Mas eu já te contei!

- Conta melhor. Eu não tô acreditando que essa transa toda é só pra ter um papo.

- Bom, só-só não.

- Ah!.

- O quê?

- Conta.

- É o seguinte: eu resolvi que eu vou ser escritora, sabe? E escritora tem que viver inventando gente, endereço, telefone, casa, rua, um mundo de coisas. Então eu inventei o André. Pra já ir treinando. Só isso.

Aí meu irmão fechou a cara e disse que não adiantava conversar comigo porque eu nunca dizia a verdade. Fiquei pra morrer:

- Puxa vida, quando é que vocês vão acreditar em mim, hem? Se eu tô dizendo que eu quero ser escritora é porque eu quero mesmo.

- Guarda essas ideias pra mais tarde, tá bem? E em vez de gastar tempo com tanta bobagem, aproveita pra estudar melhor. Ah! e olha: não quero pegar outra carta do André, viu?

O que eu vi é que a gente não tinha mais papo. Nem respondi. E assim que ele saiu escrevi correndo um bilhete:

> *Não adianta, André: gente grande não entende a gente. E então é melhor eu nem te escrever mais.*

E pronto: nunca mais escrevi.

Passei uns tempos sem escrever carta nenhuma. Mas um dia eu não tinha nada pra fazer e pensei:

“Ah, também que que há?” Fui no meu esconderijo de nomes, peguei um nome que eu adoro, inventei uma amiga pra ele, e comecei a escrever pra ela:

Lorelai:
Era tão bom quando eu morava lá na roça. A casa tinha um quintal com milhões de coisas, tinha até galinheiro. Eu conversava com tudo quanto era galinha, cachorro, gato, lagartixa, eu conversava com tanta gente que você nem imagina, Lorelai. Tinha árvore pra subir, rio passando no fundo, tinha cada esconderijo tão bom que a gente podia ficar escondida a vida toda que ninguém achava. Meu pai e minha mãe viviam rindo, andavam de mão dada, era uma coisa muito legal da gente ver. Agora tá tudo diferente: eles vivem de cara fechada, brigam à toa, discutem por qualquer coisa. E depois, toca todo o mundo a ficar emburrado. Outro dia eu perguntei: o que é que tá acontecendo que toda hora tem briga? Sabe o que é que eles falaram? Que não era assunto pra criança. E o pior é que esse negócio de emburramento em casa me dá uma aflição danada.
Eu queria tanto achar um jeito de não dar mais bola pra briga e pra cara amarrada. Será que você não acha um jeito pra mim?

Um beijo da Raquel.

Ela escreveu a resposta na última folha do caderno de comunicação:

Querida amiga:
Acho que o único jeito é você voltar pro quintal da tua casa. Lá o pessoal anda de mão dada, não tem briga,

não tem cara amarrada, e ainda por cima tem gato, rio, galinheiro, aposto que até coelho tem.

L.

Respondi na mesma hora dizendo que tinha coelho sim, mas que aquilo não era jeito. Como é que eu ia voltar pro meu quintal? Sozinha? Então eles iam deixar? No dia seguinte, quando entrei no elevador, encontrei um papel caído no chão. Era um bilhete da Lorelai:

Raquel
- Você foge e pronto.

Um beijo da Lorelai.

A coisa começou a esquentar. Escrevi dizendo que tá bem: eu ia: mas só se ela fosse comigo. Ela topou. Então inventei a viagem. Foi aí que a minha irmã cismou de fazer arrumação no armário e achou as cartas atrás da gaveta. Armou um barulho daqueles! “Quem é essa tal Lorelai que quer te ajudar a fugir de - casa?” Comecei a explicar que ela era inventada, que a viagem era inventada, que - mas ela não deixou eu acabar de falar. Disse que eu não tinha jeito, me deu puxão de orelha, fez queixa pro meu pai, o pessoal ficou de novo contra mim, e eu comecei a desconfiar que a gente ser escritora quando é criança não dá pé. Desisti de escrever carta.

Fiquei uma porção de dias pensando no meu pessoal pra ver se entendia por que é que eles zangavam tanto comigo. Acabei desistindo também: gente grande é uma turma muito difícil de entender. Mas em compensação tive uma ideia: “E se eu escrevo um romance? Aí ninguém mais pode ficar contra mim porque todo o mundo sabe que romance é a coisa mais inventada do mundo.”

Achei a ideia legal e escrevi o romance. Pequeno. Achei que pra começar era bom fazer um bem pequeno. Era a história de um galo chamado Rei - lindo de morrer - que um

dia fica louco pra largar a vida de galo. Ele morava num galinheiro com quinze galinhas, mas ele era um cara muito igual e então achava que era galinha demais pra um galo só. Pra contar a verdade, ele vivia até um bocado sem jeito de ser chefe de uma família tão esquisita assim. Então ele resolve fugir do galinheiro. Mas aí dá medo de todo o mundo ficar contra ele. E então ele passa o romance inteirinho naquela aflição de foge, não foge. Quando chega bem no fim da história, ele resolve o seguinte: se a vida dele era furada, ele tinha mesmo que fugir e pronto. E aí ele foge.

Era domingo quando eu acabei a história. Me chamaram pro cinema. Saí às carreiras, larguei o romance no quarto. Minha irmã pegou e leu. (Quando eu cheguei em casa ela perguntou: “Como é que você pode pensar tanta besteira, hem, Raquel?”) Achou gozado e deu pra minha mãe ler.

E a minha mãe deu pro meu pai.

E o meu pai deu pro meu irmão.

E o meu irmão deu pra minha outra irmã.

E ela deu pra vizinha.

E a vizinha deu pro marido, que ainda por cima é síndico.

Quando eu voltei do cinema encontrei todo o mundo rindo da minha história. Era um tal de fazer piada de galo, de galinha, de galinheiro, que não acabava mais. E o pior é que eles não estavam rindo só da história: tavam rindo de mim também, e das coisas que eu pensava.

Foi me dando uma raiva de ter largado o romance no quarto que, de repente, sem pensar no que eu estava fazendo, peguei meu romance e rasguei todinho. Rasguei o galo chamado Rei, a família esquisita que ele tinha, rasguei o galinheiro inteiro, e tudo que tinha lá dentro. Resolvi que até o dia de ser grande não escrevia mais nada. Só dever de escola e olhe lá.

Foi daí pra frente que a vontade de ser escritora desatou a engordar que nem as outras duas.

Se o pessoal vê as minhas três vontades engordando desse jeito e crescendo que nem balão, eles vão rir, aposto. Eles não entendem essas coisas, acham que é infantil, não levam a sério. Eu tenho que achar depressa um lugar pra esconder as três: se tem coisa que eu não quero mais é ver gente grande rindo de mim.

2

A BOLSA AMARELA

Meu irmão chegou em casa com um embrulho. Gritou da porta:

- Pacote da tia Brunilda!

Todo o mundo correu, minha irmã falou:

- Olha como vem coisa.

Rebentaram o barbante, rasgaram o papel, tudo se espalhou na mesa. Aí foi aquela confusão:

- O vestido vermelho é meu.
- Ih, que colar bacana! vai combinar com o meu suéter.
- Vê se veio alguma camisa do tio Júlio pra mim.
- Que sapato alinhado, tá com jeito de ser meu número.

Eu fico boba de ver como a tia Brunilda compra roupa. Compra e enjoa. Enjoa tudo: vestido, bolsa, sapato, blusa. Usa três, quatro vezes e pronto: enjoa. Outro dia eu perguntei:

- Se ela enjoa tão depressa, pra que que ela compra tanto? É pra poder enjoar mais?

Ninguém me deu bola. Fiquei pensando no tio Júlio. Meu pai diz que ele dá um duro danado pra ganhar o dinheiro que ele ganha. Se eu fosse ele, eu ficava pra morrer de ver a tia Brunilda gastar o dinheiro numas coisas que ela enjoa logo. Mas ele não fica. Eu acho isso tão esquisito! Outra coisa um bocado esquisita é que se ele reclama, ela diz logo: “Vou arranjar um emprego.” Aí ele fala: “De jeito nenhum! ” E dá mais dinheiro. Pra ela comprar mais. E pra continuar enjoando. Vou ver se um dia eu entendo essa jogada.

Não parava de sair coisa do pacote. Minha mãe falou:

- Que boazinha que é a Brunilda: sabe como a gente vive apertada e cada vez manda mais roupa.

Eu parei de fazer o dever e fiquei espiando. Vi aparecer uma bolsa; todo o mundo pegou, examinou, achou feia e deixou pra lá.

Antes, quando chegavam os pacotes da tia Brunilda e não sobrava nada pra mim, eu ficava numa chateação daquelas. E se eu pedia qualquer coisa o pessoal falava logo:

- Ora, Raquel, a tia Brunilda só manda roupa de gente grande, não serve pra você.

- É só cortar, diminuir.

- Não adianta: mesmo diminuindo tudo continua com cara de roupa de gente grande.

- Roupa não tem cara.

- Tem, sim senhora.

E nunca fiquei com nada. Num instantinho sumiam com tudo, e usavam; usavam, usavam até pifar. Aí, no dia que a roupa pifava, a gente ajeitava daqui e dali, e a roupa ficava pra mim. Eu não dizia nada. Até que uma vez não resisti e perguntei:

- Quer dizer que quando a roupa pifa, pifa também a tal cara de roupa de gente grande?

E o pessoal falou que sim, que era isso mesmo. (É por causa dessas transas que eu queria tanto crescer: gente grande tá sempre achando que criança tá por fora.)

Aí aconteceu uma coisa diferente: de repente sobrou uma coisa pra mim.

- Toma Raquel, fica pra você.

Era a bolsa.

A bolsa por fora:

Era amarela. Achei isso genial: pra mim amarelo é a cor mais bonita que existe. Mas não era um amarelo sempre igual: Às vezes era forte, mas depois ficava fraco; não sei se porque ele já tinha desbotado um pouco, ou porque já nasceu assim mesmo, resolvendo que ser sempre igual é muito chato.

Ela era grande; tinha até mais tamanho de sacola do que de bolsa. Mas vai ver ela era que nem eu: achava que ser pequena não dá pé.

A bolsa não era sozinha: tinha uma alça também. Foi só pendurar a alça no ombro que a bolsa arrastou no chão. Eu então dei um nó bem no meio da alça. Resolveu o problema. E ficou com mais bossa também.

¡Ah, qué bonito collar! Pega con mi jersey.
es mío
¡Qué zapatos!
¡Una corbata!
tía Brunilda

Não sei o nome da fazenda que fez a bolsa amarela. Mas era uma fazenda grossa, e se a gente passava a mão arranhava um pouco. Olhei bem de perto e vi os fios da fazenda passando um por cima do outro; mas direitinho; sem fazer bagunça nem nada. Achei legal. Mas o que eu ainda achei mais legal foi ver que a fazenda esticava: “vai dar pra guardar um bocado de coisa aí dentro”.

A bolsa por dentro:

Abri devagarinho. Com um medo danado de ser tudo vazio. Espiei. Nem acreditei. Espiei melhor.

Mas que curtição! - berrei. E ainda bem que só berrei pensando: ninguém escutou nem olhou.

A bolsa tinha sete filhos! (Eu sempre achei que bolso de bolsa é filho da bolsa.) E os sete moravam assim:

Em cima, um grandão de cada lado, os dois com zipe; abri-fechei, abri-fechei, abri-fechei, os dois funcionando bem que só vendo. Logo embaixo tinha mais dois bolsos menores, que fechavam com botão. Num dos lados tinha um outro - tão magro e tão comprido que eu fiquei pensando o que é que eu podia guardar ali dentro (um guarda-chuva? um martelo? um cabide em pé?). No outro lado tinha um bolso pequeno, feito de fazenda franzidinha, que esticou todo quando eu botei a mão dentro dele; botei as duas mãos: esticou ainda mais; era um bolso com mania de sanfona, como eu ia dar coisa pra ele guardar! E por último tinha um bem pequeninnho, que eu logo achei que era o bebê da bolsa.

Comecei a pensar em tudo que eu ia esconder na bolsa amarela. Puxa vida, tava até parecendo o quintal da minha casa, com tanto esconderijo bom, que fecha, que estica, que é pequeno, que é grande. E tinha uma vantagem: a bolsa eu podia levar sempre a tiracolo, o quintal não.

O fecho:

A bolsa amarela não tinha fecho. Já pensou? Resolvi que naquele dia mesmo eu ia arranjar um fecho pra ela.

Peguei um dinheiro que eu vinha economizando e fui numa casa que conserta e reforma bolsas. Falei que queria um fecho e o vendedor me mostrou um, dizendo que era o melhor que ele tinha. Custava muito caro, meu dinheiro não dava.

- E aquele? - apontei. Era um fecho meio pobre, mas brilhando que só vendo.

O homem fez cara de pouco caso, disse que não era bom. Experimentei.

- Mas ele abre e fecha tão bem.

O homem disse que o fecho era muito barato: ia enguiçar. Vibrei! Era isso mesmo que eu tava querendo: um fecho com vontade de enguiçar. Pedi pro vendedor atender outro freguês enquanto eu pensava um pouco. Virei pro fecho e passei uma cantada nele:

- Escuta aqui fecho, eu quero guardar umas coisas bem guardadas aqui dentro dessa bolsa. Mas você sabe como é que é, não é? Às vezes vão abrindo a bolsa da gente assim sem mais nem menos; se isso acontecer você precisa enguiçar, viu? Você enguiça quando eu pensar “enguiça!”, enguiça?

O fecho ficou olhando pra minha cara. Não disse que sim nem que não. Eu vi que ele tava querendo uma coisa em troca.

- Olha, eu já vi que você tem mania de brilhar. Se você enguiçar na hora que precisa, eu prometo viver polindo você pra te deixar com essa pinta de espelho. Certo?

O fecho falou um tlique bem baixinho com todo o jeito de “certo”. Chamei o vendedor e pedi pra ele botar o fecho na bolsa.

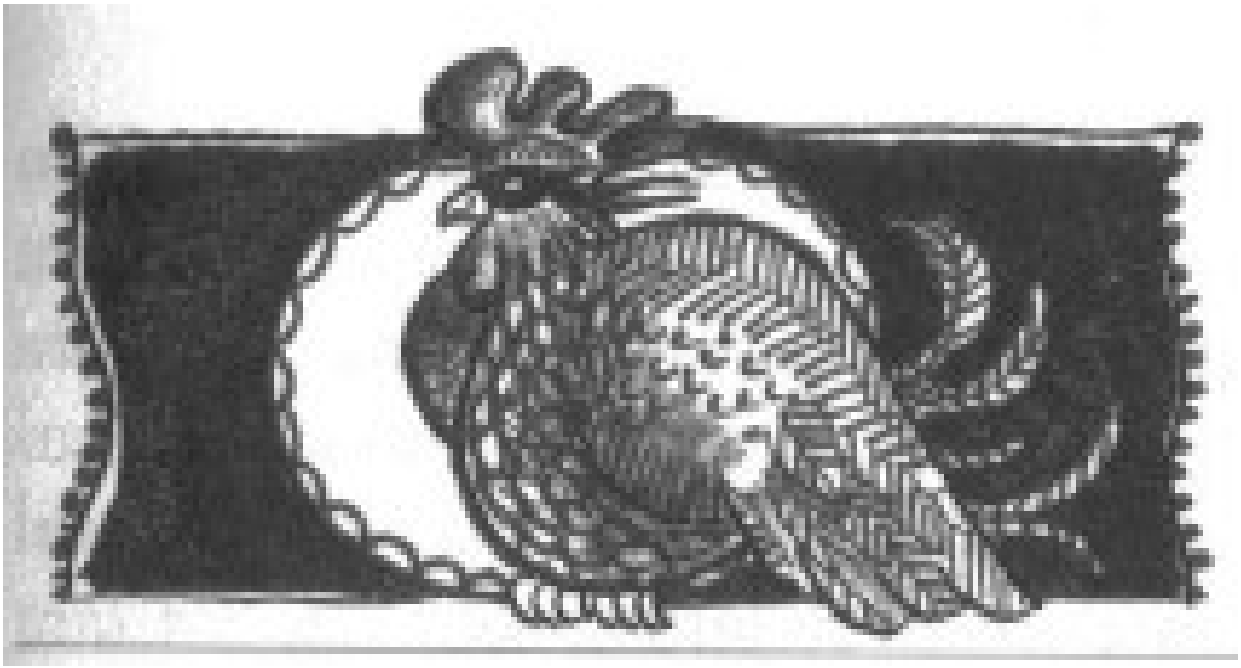
Cheguei em casa e arrumei tudo que eu queria na bolsa amarela. Peguei os nomes que eu vinha juntando e botei no bolso sanfona. O bolso comprido eu deixei vazio, esperando

uma coisa bem magra pra esconder lá dentro. No bolso bebê eu guardei um alfinete de fralda que eu tinha achado na rua, e no bolso de botão escondi uns retratos do quintal da minha casa, uns desenhos que eu tinha feito, e umas coisas que eu andava pensando. Abri um zipe; escondi fundo minha vontade de crescer; fechei. Abri outro zipe; escondi mais fundo minha vontade de escrever; fechei. No outro bolso de botão espremi a vontade de ter nascido garoto (ela andava muito grande, foi um custo pro botão fechar).

Pronto! a arrumação tinha ficado legal. Minhas vontades tavam presas na bolsa amarela, ninguém mais ia ver a cara delas.

3

O GALO



Acordei de repente com um barulho esquisito. Olhei pra janela e vi o dia nascendo. Outra vez o barulho. Quase morro de susto: era um canto de galo; e ali bem perto de mim.

Olhei minhas irmãs. Elas continuavam dormindo igualzinho, nem tinham ouvido canto nenhum. Espiei debaixo da cama, atrás da cadeira, dentro do armário - nada. Mas aí o galo cantou muito aflito: um canto assim de gente que tá presa e quer sair. “Tá dentro da bolsa amarela!” Abri a bolsa correndo. O galo saiu lá de dentro.

- Puxa, se você não abre essa bolsa eu morria sufocado. Tinha pedido pro fecho ficar meio aberto pra eu poder respirar, mas ele acabou dormindo e fechou. - Voou pra janela, aterrissou na beirada, e ficou respirando fundo.

Eu estava de boca aberta: nunca tinha visto um galo usando máscara. E ele usava. Preta. Tapando a cara todinha. Só dois furos pros olhos. Ele andou de um lado pro outro na beirada da janela.

Eu fiquei pensando quando é que eu tinha visto alguém andar bonito assim. Ele abriu as asas e voou pra junto da bolsa. Achei melhor fingir que nem tinha visto: ele podia ler no meu olho que eu tinha vidrado no vôo e aí ficar prosa demais. As penas do corpo dele brilhavam que nem o fecho; a gente usa anel no dedo mas ele usava na perna e usava dois: um azul e outro vermelho. Foi quando eu olhei pros anéis que de repente me assustei: “Ué, como é que pode?!” O rabo do galo era a coisa mais genial que eu já vi, porque de repente dava um troço nas penas, e em vez delas ficarem certinhas que nem no resto do corpo, elas ficavam com uma cara zangada, se arrepiavam, mudavam de cor (tinha pena vermelha, marrom, laranja, dourada, tinha até uma peninha branca não sei se de idade ou de bossa), e cada movimento que o galo fazia, elas todas se sacudiam, parecia até que elas tavam sambando, e quando ele parava, elas ainda ficavam dançando. Quanto mais eu olhava pras penas, mais eu me assustava: “Puxa mas como é que pode?!”

Até que não resisti mais e falei:

- Sabe? Você é tão parecido com um galo que eu conheço, mas tão parecido mesmo...

Ele tirou a máscara e olhou pra mim. Parecido coisa nenhuma. Era ele mesmo. O Rei. O galo do romance que eu tinha inventado.

- O que é que você tá fazendo aqui?!
- Psiu! Fala baixo, tô fugido.
- Isso eu sei, ué, fui eu que fiz você fugir do galinheiro.
- Mas a questão é que eles me pegaram.
- Não brinca!
- Me levaram de volta. Pra tomar conta daquelas galinhas todas outra vez.
- Ai
- Você não sabia?
- Não. O meu romance acabava no dia que você fugia. Foi até aí que eu inventei você.

- Pois é. Mas aí eu fiquei inventado e tive que resolver o que é que eu ia fazer da minha vida. Pensei pra burro. Acabei resolvendo que ia lutar pelas minhas ideias.

Achei aquilo tão bacana! Na escola, quando a gente lê a vida de Tiradentes e desse pessoal importante, vem sempre Essa frase junto: “homens que lutaram por suas ideias”.

- Que legal, Rei. E você lutou?

- Não. Foi só resolver lutar que eles me levaram de volta pro galinheiro. Então eu chamei as minhas quinze galinhas e pedi, por favor, pra elas me ajudarem. Expliquei que vivia muito cansado de ter que mandar e desmandar nelas todas noite e dia. Mas elas falaram: “Você é o nosso dono. Você é que resolve tudo pra gente.” Sabe, Raquel, elas não botavam um ovo, não davam uma ciscadinha, não faziam coisa nenhuma, sem vir me perguntar: Eu posso? Você deixa?” E se eu respondia: “Ora, minha filha, o ovo é seu, a vida é sua, resolve como você achar melhor”, elas desatavam a chorar, não queriam mais comer, emagreciam, até morriam. Elas achavam que era melhor ter um dono mandando o dia inteiro: faz isso! faz aquilo! bota um ovo! pega uma minhoca! do que ter que resolver qualquer coisa. Diziam que pensar dá muito trabalho.

- Ué.

- Pois é.

- Quer dizer que elas não te ajudaram?

- Se ajudaram? Ha! Quando eu expliquei que desde pequenininho eu sonhava com um galinheiro legal, todo o mundo dando opinião, resolvendo as coisas, achando furada essa história de um galo mandar e desmandar a vida toda, sabe o que é que elas fizeram?

Chamaram o dono do galinheiro e deram queixa de mim.

- No duro?

- Fiquei danado. Subi no puleiro e berrei: “Não quero mandar sozinho! Quero um galinheiro com mais galos! Quero as galinhas mandando junto com os galos!”

- Que legal!

- Legal coisa nenhuma; me levaram preso.

- Mas por quê?

- Pra eu aprender a não ser um galo diferente. Me botaram num quartinho escuro. Tão escuro que quando eu saí de lá tava todo preto. Só depois é que a cor foi voltando. Fiquei preso um tempão; sofri à beça. Aí, um dia, eles me soltaram. E foram logo dizendo: “Daqui pra frente você vai ser um tomador-de-conta-de-galinha como o seu pai era, como o seu avô era, como o seu bisavô era, como o seu tataravô era - senão volta pra prisão. “E as galinhas disseram: “Deixa com a gente: se ele não se comportar direito a gente avisa.” Mas eu não era que nem meu avô, que nem meu bisavô, que nem meu tataravô, o que é que eu podia fazer? Eu sei que ia ser muito mais fácil eu continuar pensando igualzinho a eles. Mas eu não pensava, e daí? Um dia botaram outro galo junto comigo. Só pra ver o que é que eu fazia. bEles tavam crentes que eu ia armar um barulho e dizer: “Ou você ou eu mandando no galinheiro! Vamos brigar pra resolver qual de nós dois é o dono dessas galinhas todas!” Mas em vez disso eu falei: “Oi, colega. Me ajuda a acabar com a mania da gente ter que mandar nelas todas?” Pra quê! Todo o mundo foi correndo fazer queixa de mim. - Parou de falar e ficou olhando a bolsa amarela de crista franzida.

- Aí prenderam você de novo?

- Não deu tempo: eu fugi.

- Você veio logo pra cá?

- Não.

- O que é que você fez?

- Hem? Ah, eu... eu andei me escondendo numa porção de lugares, mas... sabe? nenhum assim bom como a bolsa amarela.

- Por que?

Ele não parava de olhar pra bolsa.

- Não chove, não tem vento, ninguém se lembra de procurar a gente aí...

Fiquei sem saber o que é que eu falava. Tava na cara que o Rei queria um convite pra morar na bolsa amarela. Mas como é que ia ser? Eu carregava a bolsa pra tudo quanto é canto; quando as vontades engordavam ela ficava superpesada; com o Rei lá dentro eu não ia nem aguentar. Resolvi ser franca:

- Sabe, Rei? Já tem muita coisa na bolsa amarela: não dá pra você também.

- Nem por uma temporadinha?

- Acho que não.

- Ih, Raquel, mas se eles me pegam de novo vai ser fogo.

- Você arranja outro esconderijo.

- Tá difícil: cada vez tem menos lugar pra gente se esconder.

- É que, sabe, eu guardo muita coisa aí dentro.

- Eu sei, já examinei tudo. Mas achei que ainda sobrava um lugarzinho pra mim.

Fingi que não tinha ouvido. Ele suspirou:

- Aí dentro é tão sossegado. Eu precisava um lugar assim pra poder pensar com calma nas minhas ideias.

Quem sabe ele falava, nas ideias dele e acabava esquecendo de morar na bolsa amarela?

- Me conta uma coisa: quais são as suas ideias, hem?

- Pois aí é que está: ainda não deu pra ter nenhuma ideia.

- Ué! Se você não tem nenhuma ideia, como é que você vai lutar por uma ideia?

- Bom, primeiro eu preciso ter a ideia. Depois eu saio lutando.

- Puxa! você nunca bolou nada lá no galinheiro?

- Não dava jeito. Cada vez que eu começava a bolar um troço qualquer, vinha uma galinha perguntar o que é que ela ia fazer.

- E depois que você fugiu?

- Também não dava: eu vivia apavorado, achando que iam me pegar. Fui ficando sem jeito de não deixar ele morar na bolsa amarela. Mas de repente me lembrei de outra coisa:

- Se descobrem que eu tô escondendo você, eu fico numa situação um bocado ruim.

- Bom, isso é mesmo... - E aí ele ficou quieto pensando. Depois botou a máscara e falou:

- Então até qualquer dia. - E foi indo embora. Fiquei num aflição danada. E se pegavam ele lá fora? E se ele não encontrava outro esconderijo bom? Aí mesmo é que ele nunca mais encontrava a tal ideia pra poder lutar por ela.

- Ei, Rei! - Ele parou e olhou pra mim. Abri a bolsa: - Pode entrar.

Ele nem esperou outro convite: deu um vôo espetacular, passou rentinho do nariz das minhas irmãs, e aterrissou dentro da bolsa. Mas deixou um pé no ar. Com jeito de entra-não-entra.

- Não faz cerimônia, entra logo.

- É que... sabe? Tem uma coisa que desde o princípio eu tô querendo dizer e ainda não disse. - E ficou me olhando.

- O que é que é, Rei?

- É isso mesmo: Rei. Não repara não, foi você que escolheu meu nome, mas eu não gosto dele.

- Ah. não?

- Não. Eu sou um cara igual, gosto de sossego, sou um sujeito muito simples: esse nome não combina comigo. E tem outra coisa também: fica tão esquisito quando você diz: “Ei, Rei!” Parece que você tá dizendo que errou. Você se importa se eu pego aí no bolso sanfona um outro nome pra mim?

Fico sempre chateada quando eu dou uma coisa e a pessoa não gosta. Mas fingi que não tava ligando:

- Claro, pode pegar.

Mais que depressa ele sumiu dentro da bolsa. Ficou lá dentro um tempão. Depois apareceu todo satisfeito:

- Peguei o Afonso.

- Afonso?!

- É.

Achei que ele e Afonso não combinavam de jeito nenhum.

- Mas você não tem cara de Afonso.

- Posso não ter cara, mas tenho certeza que o meu coração é um coração de Afonso. - Bocejou, disse que tava morrendo de sono, e eu então fechei a bolsa pra ele dormir. Mas fiquei pensando uma pergunta que não queria sair da minha cabeça. Lá pelas tantas não aguentei mais e abri a bolsa:

- Ei, Afonso! - Ele meio que acordou. - Como é que você veio parar aqui dentro da bolsa amarela, hem?

- Entrei na tua casa, comecei a procurar um lugar bom pra me esconder, vi a bolsa debaixo da cama e pronto.

- Mas como é que você entrou aqui? Você voou?

- Vim de elevador.

- Sozinho?

- Não, tinha mais gente.

- E ninguém viu que você era um galo fugido?

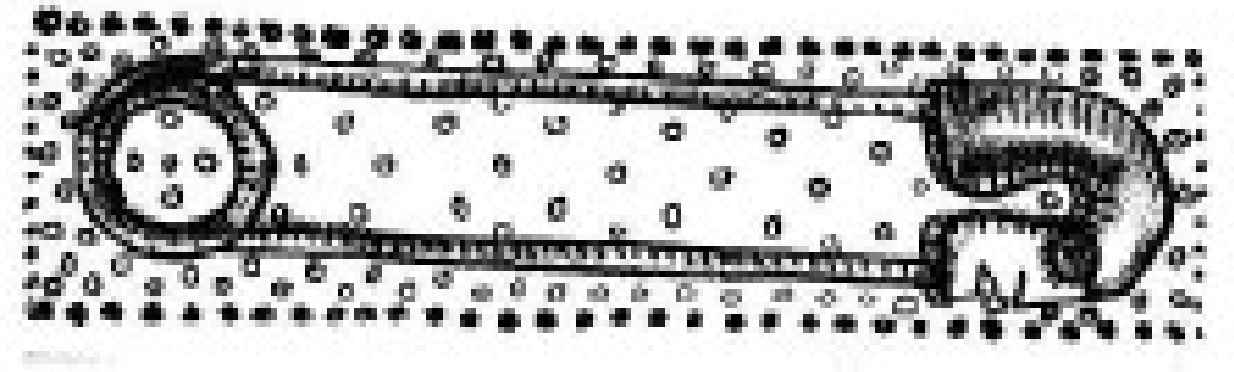
- Eu tava de máscara.

- Ah é ! Então boa noite.

- Dorme bem.

4

HISTÓRIA DO ALFINETE DE FRALDA (QUE MORA NO BOLSO BEBÊ DA BOLSA AMARELA)



Como ninguém conhece o Alfinete de Fralda muito bem, eu acho melhor contar a história dele antes de continuar contando a minha:

Um dia eu ia passando e vi o Alfinete caído na rua. Peguei, limpei, desenferrujei, experimentei a pontinha dele no meu dedo, vi que ela era afiada toda a vida:

- Puxa!

E ela começou a riscar na minha mão tudo que o Alfinete queria dizer:

- Me guarda? Já não agüento mais viver aqui jogado: passa gente em cima de mim; chove, eu fico todo molhado, pego cada ferrugem medonha; e cada vez que varrem a rua eu esfrio: “pronto! vão achar que eu não sirvo mais pra nada, vão me levar no caminhão do lixo”; me encolho todo pra vassoura não me ver; e depois que ela passa, e depois que o susto passa, eu risco na calçada um anúncio de mim dizendo que eu sirvo sim; mas nunca acontece nada. Me guarda?

- Guardo.

- Então guarda.

Guardei. No bolso do uniforme (ainda não tinha a bolsa amarela). E perguntei:

- O que é que você fazia antes?

A pontinha foi riscando na fazenda:

- Não cheguei a fazer nada.

- Ué.

- Saí da fábrica muito mal embrulhado, vim caindo pelo caminho, me agarrando nos outros pra ver se me aguentava, acabei não me aguentando: caí aqui.

- E não levantou mais?

- Cada vez que eu levantava, passavam em cima de mim.

- Mas nunca ninguém te viu?

- Quando me viram eu já tava todo enferrujado e ninguém mais me quis.

- E depois?

- Nada.

- Não aconteceu mais nada na tua vida?

- Não.

- Que história curtinha que você tem.

- Pois é.

- Você não queria ter uma história mais comprida?

- Eu não! esse pouquinho já deu tanto trabalho.

- Acha que assim chega, é?

- Acho que chega sim.

E então ficou chegando.

5

A VOLTA DA ESCOLA

Saí da escola apavorada com o peso da bolsa amarela. Tinha Afonso tinha vontade tinha nome tinha livro tinha caderno tinha tudo lá dentro. E tinha também o seguinte:

A professora mandou a gente fazer uma redação. Assunto: “O presente que eu queria ganhar”. Escrevi que eu queria um guarda-chuva (já cansei de pedir um lá em casa). Comecei a inventar o guarda-chuva que ele ia ser e as coisas que aconteciam com ele. Quando eu tava no melhor da história, tocou a campainha, a aula acabou, a redação não estava pronta, eu quis escrever o resto da história, a professora não deixou, recolheu o caderno, a turma foi saindo, a história ficou sem fim, e aí pronto: a vontade de continuar escrevendo apertou, desatou a engordar, engordou tanto que eu mal aguentava carregar a bolsa amarela.

Andei um quarteirão inteiro. Com Afonso espiando a vida pela janela.

- Puxa, que peso! - E tive que parar pra descansar.

O Afonso botou a máscara e saiu da bolsa:

- Enquanto você descansa eu vou dar uma voltinha por aí. Quem sabe eu encontro uma ideia? - (Ele continuava louco pra lutar pela tal ideia que ele ainda tinha que achar.) Voltou dez minutos depois.

- Achou?

- Não. Mas achei um guarda-chuva. Estava perdido. Fiquei muito contente porque eu andava querendo te dar um presente. Toma.

O Afonso tinha pegado uma mania: era só não ter ninguém reparando, que ele enfiava a cabeça na janela e ficava batendo papo comigo. Mal ele me deu o guarda-chuva, pulou pra bolsa, botou a cabeça pra fora, e começou a me contar tudo que o guarda-chuva tinha contado pra ele.

- Na hora do guarda-chuva nascer, quer dizer, na hora que ele foi feito, o homem lá da fábrica - que era um cara muito legal e que gostava de ver as coisas gostando do que elas tinham nascido - perguntou:

- Você quer ser guarda-chuva homem ou mulher?

E ele respondeu: mulher.

O homem então fez um guarda-chuva menor que guarda-chuva homem. E usou uma seda cor-de-rosa toda cheia de flor. O cabo ele não fez reto não: disse que guarda-chuva mulher tinha que ter curva. E pendurou no cabo uma correntinha que às vezes guarda-chuva homem não gosta muito de usar.

Fui andando e pensando que eu também queria ter escolhido nascer mulher: a vontade de ser garoto sumia e a bolsa amarela ficava muito mais leve de carregar.

Quando a Guarda-chuva viu que o homem estava fazendo o cabo comprido, pediu:

- Ah, me deixa pequena! Quero ser pequena a vida toda.

O homem se espantou:

- E se mais tarde você cismar de crescer?

- Não sei pra que: ser pequena é uma curtição.

Mas ele ficou cismado:

- Às vezes a gente quer muito uma coisa e então acha que vai querer a vida toda. Mas aí o tempo passa. E o tempo é o tipo do sujeito que adora mudar tudo. Um dia ele muda você e pronto: você enjoa de ser pequena e vai querer crescer.

- Será?

- É bem capaz.

A Guarda-chuva ficou pensando. Pensou bastante e depois resolveu:

- Então tá bom, me faz pequena. Mas bota dentro de mim o jeito de ser grande.

E o homem então fez o Guarda-chuva do tipo que estica e fica grande se a gente puxa o cabo com força.

Parei e olhei bem pra cara da Guarda-chuva. Ela era uma graça; e era coisa boa, bem feita, parecia até que tinha sido guarda-chuva da tia Brunilda.

- Muito obrigada, viu, Afonso? Eu pensei que só ia ter uma guarda-chuva assim no dia que eu fosse grande.

- Você ficou mesmo contente, Raquel?

- Contentíssima. - E aí virei pra Guarda-chuva e perguntei:

- Por que é que você não queria ser grande, hem?

O Afonso foi logo respondendo:

- Porque ela adorava brincar, e gente grande tem mania de achar que porque é grande não pode mais brincar. Às vezes ela ficava louca pra experimentar crescer: só pra ver se era mesmo verdade: se quando a gente crescia a vontade de brincar sumia. Mas ela tinha medo de arriscar. Até que um dia tomou coragem e experimentou. E sabe que ela curtiu demais?

- Claro que tinha que curtir! quando a gente é grande pode tudo, resolve tudo.

- Nada disso. Ela curtiu porque viu que uma coisa não tinha nada que ver com a outra: ela podia muito bem ser grande, e ela podia muito bem continuar brincando. E aí ela achou que a melhor brincadeira do mundo era toda hora passar de pequena pra grande, de pequena pra grande, de pequena pra grande, de pequena tlá! ! ! estalou, enguiçou, não passou pra mais nada.

- E mesmo? - perguntei pra ela.

- É sim.

- Não tô falando com você, Afonso. Deixa ela responder.

- Mas é que não adianta você perguntar pra ela.

- Por que?

- Nem ela entende o que você diz, nem você vai entender o que ela fala.

- Claro que entendo.
- Não entende.
- Entendo!
- E perguntei outra vez pra Guarda-chuva: É mesmo verdade que você enguiçou?
Ela ficou quieta.
- Tô dizendo, não adianta perguntar: a língua dela é muito complicada, só galo que entende.
- Quer fazer o favor de ficar quieto? - Dei um apertão na Guarda-chuva e falei: - Responde!
- Mas ela não respondeu coisa nenhuma. Apertei com mais força. - Responde, sim?! - Nada. Apertei ainda mais. Aí a Guarda-chuva disse:-
- zzzztctctctdrrrrtdtd)96785432666 6????!!!iuiuiuiuiuugdtgdtgbzzzzxzxyxzta aa,,,,... ta?bzzzz.
Tomei o maior susto. O Afonso desatou a rir:
- Não te disse que a língua dela era complicada?
- O que é que ela falou?
- Ai.
- Ai?
- É.
- Tudo aquilo só pra dizer ai?
- É.
- Não pode ser.
- Mas é. Ela fala uma língua um bocado comprida.
Passei de contentíssima pra contente só: nunca ia poder bater papo com a Guarda-chuva; tudo que ela dizia o Afonso ia ter que traduzir. Suspirei:
- Bom, mas então continua. O que é que aconteceu depois que ela enguiçou?
- Pois aí é que está: na hora que ela enguiçou a história dela também enguiçou.
- Você quer dizer que a história dela não tem fim?
- É.
Passei de contente pra chateada.

- Ah, que que há Afonso! Toda história tem que acabar, não pode ficar assim no ar.

- Mas a dela ficou, o que é que eu posso fazer?

- Mas a fala dela não enguiçou.

- Não.

- Pois então por que é que ela não conta o que é que aconteceu depois?

- Não foi a fala que enguiçou, foi a história. Enguiçou junto com o estalo. Só quando o estalo desestalar é que a história desestala também, quer dizer, continua até o fim.

A gente foi andando. Aí eu falei:

- Pergunta se ela tem nome.

- Já perguntei.

- Tem?

- Tinha: enguiçou junto com o estalo.

A chateação aumentou. Foi nessa hora que eu resolvi abrir a Guarda-chuva. Empurrei, empurrei a mola. Mas não adiantava: a Guarda-chuva abria um pouquinho e parava no meio do caminho.

- O que é que tá acontecendo, Afonso?

- Desde o estalo que ela não abre mais.

Aí eu passei pra superchateada.

- Mas Afonso, o que é que eu vou fazer com uma guarda-chuva que não tem nome, não tem fim de história, não abre, não funciona?

- Guarda aqui na bolsa, ela é tão bonitinha.

Bonitinha era. Muito. Tão bonitinha que eu acabei pensando: “Bom, paciência. Em vez dela servir de guarda-chuva, agora serve pra gente gostar de olhar.” E então enfiei ela no bolso magro e comprido. Calhou certinho. Ela logo espichou o pescoço pra ficar olhando o Afonso. Ele virou a cabeça, olhou pra ela e... não sei não... mas o jeito que eles se olharam foi um jeito assim... sei lá... um jeito que um dia vai dar casamento.

A bolsa amarela ainda ficou mais pesada. Tive que fazer uma força danada pra pendurar ela no ombro.

Mal eu tinha andado um pouco, o Afonso berrou:

- Olha lá o Terrível! Vamos falar com ele, Raquel! - Ficou na maior agitação. - Você lembra de uma galinha gorda, toda branca, que morava lá no galinheiro?

- Sei.

- O Terrível é filho dela.

- Ele se chama mesmo Terrível?

- Chama.

- Que nome.

- É que ele é galo de briga.

- Ah é?

- Na primeira vez que eu fugi, eu fui correndo ver o Terrível lutar. Ele era terrível mesmo, ganhava tudo quanto é briga.

- Mas no tempo que eu inventei o galinheiro ele ainda estava lá?

- Não. Você não lembra que a galinha gorda vivia morrendo de saudade de um filho que tinha ido embora?

- É mesmo!

- Era o Terrível. Desde pequenininho que resolveram que ele ia ser galo de briga, sabe? Do mesmo jeito que resolveram que eu ia ser galo-tomador-de-conta-de-galinha. Você sabe como é esse pessoal, querem resolver tudo pra gente. E aí começaram a treinar o Terrível. Botaram na cabeça dele que ele tinha que ganhar de todo o mundo. Sempre. Disseram até, não sei se é verdade, é capaz de ser invenção, que costuraram o resto do pensamento dele com uma linha bem forte. Pra não rebentar. E pra ele só pensar: “eu tenho que ganhar de todo o mundo”, e mais nada.

- Puxa! E ele ficou toda a vida ganhando?

- Não sei. Depois que eu voltei pro galinheiro não tive mais noticias dele.

Pulou fora da bolsa e saiu correndo.

O primo do Afonso era pequeno, de pescoço pelado, não parava de sacudir a cabeça, e tinha um jeito tão nervoso

que metia até aflição. Estava jogando dados. Sozinho. Jogava os dados no chão, via quantos pontos tinha feito, depois pulava pro outro lado e jogava outra vez - fingindo que ele era dois. Fiquei louca pra saber se ele tava ganhando ou perdendo dele mesmo. Ia até perguntar, mas o Afonso berrou:

- Meu primo, que saudade!

O Terrível tomou um bruto susto. Ficou todo duro (que nem a gente fica, quando acha que tá em perigo). Em vez de abraçar o Afonso ele falou:

- Aposto dez reais em mim numa briga com você. - E já pegou jeito de briga.

Aí foi o Afonso que se assustou. Riu sem jeito:

- Que que há, Terrível? Você não lembra de mim? Sou teu primo, o Rei. Só que agora não me chamo mais Rei, me chamo Afonso. E essa é uma amiga minha, a Raquel.

Eu tava com um pouco de medo dele, mas assim mesmo falei oi.

Ele nem me olhou. Continuou falando com o Afonso:

- Tô apostando dez reais como eu ganho de você.

(nota de rodapé: Achei que devia ser muito ruim a gente viver sem espiar pra fora. Então cortei uma janela na fazenda da bolsa amarela. Bem juntinho do fecho. Pra cara do Afonso ficar parecendo enfeite de fecho em vez de cara de galo fugido.- fim da nota de rodapé)

- Mas que história é essa, Terrível? por que é que você quer brigar comigo?

- Pra mostrar que eu ganho de você. Fácil.

- Então finge que a gente já brigou e você já ganhou, pronto. - Levantou a asa do Terrível e berrou: - Campeão! Campeão! Campeão!

O Terrível ficou muito espantado:

- Você não se importa de perder?

- De jeito nenhum.

- Mas como é que pode?

- Terrível, vê se entende: eu não te vejo há séculos, tô com saudades tuas, tô louco pra saber o que é que você tem feito...

- Tenho brigado.

- Quero saber tintim por tintim da tua vida.

- Tintimbrigado tintimbrigado.

- Quantas brigas você já brigou?

- Cento e trinta e três.

- Quantas você já ganhou?

- Cento e trinta.

- Quando é que você perdeu?

- Nas três últimas.

- Por que é que você perdeu?

- Perdi a última porque eu perdi a penúltima.

- Por que é que você perdeu a penúltima?

- Porque eu perdi a antepenúltima.

- Mas por que é que você perdeu a antepenúltima?

- Porque apareceu um galo mais novo e mais forte do que eu! Quer parar de fazer pergunta, quer!

Mas o Afonso ainda fez umazinha:

- Quando é que você vai brigar outra vez?

Aí ele ainda ficou mais nervoso e gritou:

- Sábado. E eu não posso perder, viu? Meus donos falaram que se eu brigo mal dessa vez ninguém mais aposta em mim; então eles não vão mais me defender; vão deixar o

outro galo acabar comigo e pronto. Eu não posso perder essa briga de jeito nenhum! de jeito nenhum! de-de-de...

- E a cabeça dele sacudia tanto que ele não podia mais falar.

Eu achei aquilo tão impressionante! É claro que eu já tinha visto gente com mania de dizer que a gente tem que ganhar dos outros tem que ser a primeira disso, a primeira daquilo, mas nunca pensei que alguém tinha que ganhar tanto assim.

O Afonso ficou olhando pro Terrível com uma cara muito séria. De repente se zangou:

- Você ganhou cento e trinta lutas?
- Ganhei.
- Então você ganhou também um bocado de dinheiro?
- Eu não: meus donos é que ganharam.
- Ué, você que briga e eles é que ganham?
- É.
- Então eles tão ricos?
- Tão.
- Se eles tão ricos você não precisa mais brigar.
- Preciso.
- Você pode dizer pra eles que agora quer viver sossegado.
- Não.
- Sem ter que arriscar mais a vida.
- Não.
- Mas não por que, cara?
- Porque eu tenho que brigar.
- Mas por quê?
- Porque eu preciso ganhar de todo o mundo. - E começou a pular no mesmo lugar se esquentando pra briga. O Afonso virou pra mim e cochichou:
- Puxa, ele só pensa nisso. Será que costuraram mesmo o pensamento dele?

Aí começou uma gritaria danada; um bando de gente apareceu na esquina berrando:

- Campeão! Campeão! Campeão!

No meio daquela turma vinha um homem carregando um galo no ombro. Era um galo fortíssimo. Com cada unhona assim. E uma cara de meter medo. Quando o Terrível viu o tal galo, se encolheu apavorado:

- É o Crista de Ferro. E o homem é o dono dele.

O dono ia feliz que só vendo. Rindo. Papeando com todo o mundo. Segurando firme a perna do Crista de Ferro pra ele não desequilibrar com tudo quanto é festa que faziam nele. E o pessoal em volta não parava de bater palma e gritar: campeão!

Afonso virou pro Terrível:

- Você conhece o Crista de Ferro?

- Foi ele que ganhou de mim. É com ele que eu vou brigar no sábado.

- Chi!... - E o Afonso achou melhor nem dizer mais nada: viu logo que o Terrível não era páreo pro Crista de Ferro.

O bando passou pertinho. Terrível se escondeu atrás do Afonso. Jogaram flor no Crista de Ferro, fizeram ainda mais gritaria. E aí dobraram a esquina.

O barulho foi sumindo, e o Terrível ficou olhando pro chão. Com uma cara triste toda a vida. Suspirou:

- Antes de começar a perder eu é que era o campeão. Eles também batiam palma pra mim e gritavam desse jeito. Agora eu só levo vaia. - Viu os dados. Deu uma sacudidela de cabeça, começou a jogar outra vez com ele mesmo. Foi se animando com o jogo. Esqueceu que a gente estava ali, acho que esqueceu a briga também.

O Afonso me chamou pra um canto:

- A gente tem que ajudar o Terrível. Ele não pode brigar com o Crista de Ferro. Você viu bem a pinta daquele galo?

- De amargar.

- O Terrível vai perder, vai morrer.

- Fala com ele, Afonso. Diz pra ele fugir.

O Afonso pulou pra cima dos dados. Mandou:

- Foge, Terrível! Você não vai agüentar essa briga. Foge enquanto é tempo.
- De jeito nenhum.
- Foge !
- Sai de cima do meu dado.
- Eu fugi do galinheiro onde eu morava, agora tô tão feliz. Foge também.
- Sai daí!
- No sábado vão acabar contigo. Não vai lá.
- Vou!
- Terrível, escuta...
- Não quero escutar. - Empurrou o Afonso, pegou o dado e começou a jogar de novo.

O Afonso veio pra perto de mim e cochichou:
- O jeito é prender o Terrível até a hora da briga passar.
- Mas onde?
- Acho que a bolsa amarela é um bom lugar.

Quase desmaiei:
- Ah, pera lá, Afonso! A bolsa já tá lotada.
- Cada um se encolhe um pouco, vai dar.
- Mas Afonso...
- É só por uns dias.
- E o peso? Já pensou?
- Ele não é tão pesado assim.
- Mas escuta, eu mal tava aguentando carregar a bolsa amarela; com o Terrível aí dentro como é que vai ser?
- Eu encolho a barriga pra ficar mais leve.
- Ah.
- É por pouco tempo, dá um jeitinho.
- Tá difícil.
- Pensa na briga, pensa no Crista de Ferro.

Pensei. Topei. Botei a bolsa no chão e abri. O Afonso não perdeu tempo: chamou o Terrível com a cara mais inocente do mundo:
- Ei! Aqui dentro tem um sujeito que tá te desafiando pra uma briga.

Falou em briga, pronto: o Terrível esqueceu o jogo.

- Manda ele aqui.

- Ele é um cara esquisito, só gosta de brigar na bolsa.

- Fica uma briga apertada.

- Que nada, tem muito lugar, espia só.

Ele espiou.

- Cadê o cara?

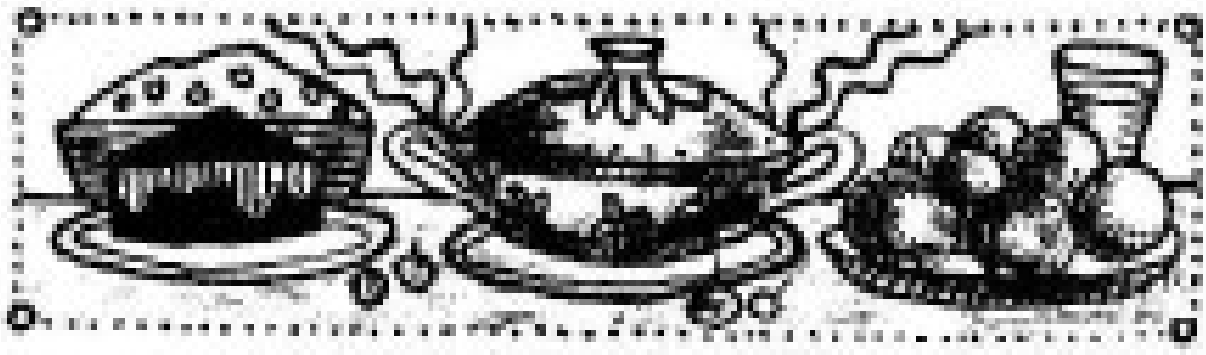
- Mora aí nesse bolso. Abre o zipe.

O Terrível pulou pra dentro da bolsa e abriu o zipe. O Afonso pulou atrás e eu fechei o fecho. Agora o Terrível só saía lá de dentro depois da briga.

Mas que peso, puxa vida! Cheguei em casa mais morta do que viva.

6

O ALMOÇO



O Terrível ficou danado quando viu que estava preso. Desatou a brigar com as minhas vontades, com a Guarda-chuva, com o pessoal todo. Quanto mais a gente explicava que estava querendo salvar a vida dele, mais danado ele ficava; queria bicar todo o mundo, pulava de um lado pra outro, a bolsa dava cada pinote que SÓ vendo. Fui ficando apavorada: daqui a pouco iam descobrir que eu carregava muita coisa esquisita dentro da bolsa amarela. E então eu pedia pela janela:

- Ò Afonso, vê se controla a situação. Mas quem diz que ele conseguia? E aí chegou o sábado e a minha irmã falou:

- Vai te vestir, Raquel, tem almoço na casa da tia Brunilda. Bacalhoada.

Eu adoro comer, só tem um prato que eu não aguento: bacalhau. Mas como o pessoal aqui de casa tá sempre paparicando a tia Brunilda, eu sabia muito bem que na hora de dizer: “Tia Brunilda a senhora se importa se eu só como a sobremesa?”, eles iam me olhar daquele jeito, e eu ia ter que acabar comendo. Então já fui ficando meio aflita.

Calça comprida eu só tenho duas; uma boa, outra ruim; enquanto uma lava, uso a outra. A boa estava lavando, e ainda mais essa, eu pensei.

Quando fui me olhar no espelho dei de cara com uma espinha. Bem na ponta do nariz. Espremi, começou a sair uma aguinha lá de dentro; vi que tinha feito uma besteira.

A campainha tocou. Abri a porta e esbarrei nos donos do Afonso. Falaram que andavam atrás de um galo que tinha fugido do galinheiro; disseram que não sei quem tinha visto um galo na nossa casa, pediram licença pra entrar e procurar. Fiquei gelada. Enquanto eles batiam papo com a minha mãe eu corri e avisei o Afonso pra não deixar o Terrível fazer barulho. Cochichei pro fecho:

- Se quiserem te abrir você enguiça, viu?

Todo o mundo ajudou a procurar. Passaram três vezes pertinho da bolsa amarela, mas ninguém desconfiou de nada. Foram embora. E, na saída, um me disse:

- Você fica de olho pra ver se descobre o galo. Se descobrir avisa logo, tá?

- Tá. (“Espera sentado que em pé cansa.”). - Fechei a porta. Meu nariz começou a doer. Olhei no espelho e anunciei: - Não posso ir à bacalhoada: meu nariz inchou, tá doendo demais.

Mandaram eu botar mercurocromo e acabar de me vestir.

Quando eu abri a porta do armarinho do banheiro, um tal de mercúrio, que estava na beira da prateleira, sem tampa nem nada, desabou em cima de mim. Só faltei morrer de raiva. Já estava quase pronta pra sair. Tinha baixado a bainha da calça, passei ela a ferro, peguei uma tinta que a minha irmã pinta o olho e pintei uma flor na minha blusa pra ver se tapava uma mancha antiga, agora tava tudo respingado, tudo vermelho, blusa, calça, flor, até meu sapato levou um banho de mercurocromo. Vi que o dia ia ser fogo. Botei aquele vestido xadrez que eu acho o fim; meu nariz tava o fim; eu toda estava o fim; saí de casa achando a minha vida o fim.

Mas na porta eu parei: “E se alguém abre a bolsa amarela enquanto eu tô fora? e se descobrem o Afonso lá dentro? e se o Terrível foge pra ir brigar? e se as minhas vontades saem também - crescendo, engordando, tomando conta do quarto, de tudo?” Me apavorei. O jeito era não arriscar, era levar a bolsa comigo. Levei.

Quando o pessoal me viu carregando aquele peso; eles disseram que eu tava maluca: eu não podia ir pro almoço

levando uma bolsa enorme, ridícula, de gente grande, e não sei que mais. Aí eu ainda fiquei mais aflita. Comecei a inventar uma porção de coisas. Eu não queria inventar nada; o que eu queria mesmo era poder dizer: “Eu preciso levar a bolsa amarela. Eu guardo aqui dentro umas coisas muito importantes. Umas coisas que eu ainda não tô podendo nem querendo mostrar pra ninguém.” Pronto. Que legal eu falando assim e ninguém perguntando: “Mas por quê? Que coisas são essas? Como é que essa bolsa abre? O fecho tá enguiçado?” Nem mandando: “Abre! Fala! Diz!”

Então eu disse tudo inventado. Falei que no dia seguinte ia ter uma prova de matemática um bocado difícil e que eu estava carregando tudo quanto é livro e caderno pra depois do almoço estudar. (Enquanto eu falava, o Afonso segurava o Terrível pra ele não gritar nem pular.) Pelo jeito o pessoal acreditou no que eu disse porque no fim eles falaram:

- Então, vamos de uma vez que a gente já tá atrasada.

E aí a gente foi.

Fui fingindo o tempo todo que a bolsa amarela não pesava tanto assim. Mas para falar a verdade ela pesava mais que um elefante. Cheguei na casa da tia Brunilda botando a alma pela boca.

Eu era a única criança no almoço. Tia Brunilda tem um filho de quatorze anos, o Alberto, mas há muito tempo que ele já resolveu que não é mais criança e pronto. Tudo que ele resolve a tia Brunilda topa. É o cara mais mimado que eu já vi até hoje.

Desabei numa poltrona. A tia Brunilda disse logo:

- Vem cá, Raquelzinha. Senta aqui nessa cadeirinha.
- Essa poltrona é tão gostosa, tia Brunilda.
- Aqui você fica muito mais engraçadinha. Vem.

Todo o mundo me olhou. Não tive remédio, fui. Botei a bolsa amarela atrás da cadeira pra ver se ninguém prestava atenção nela.

- Você tá ficando uma mocinha, hem?

- Quer um amendoinzinho?

- O que é que você arrumou aí no narizinho?

Eu ia respondendo e pensando: será que eles acham que falando comigo do mesmo jeito que eles falam um com o outro eu não vou entender? por que será que eles botam inho em tudo e falam com essa voz meio bobalhona, voz de criancinha que nem eles dizem?

Quando eu ia comer o amendoim minha irmã falou:

- Raquel, canta pro tio Júlio e pra tia Brunilda aquele versinho inglês que você aprendeu na escola. E tão bonitinho.

Quase caí pra trás. Quando eu comecei a cantar o tal verso lá em casa, o pessoal mandou eu ficar quieta porque eu tava enchendo a paciência de todo o mundo. Agora ficavam pedindo:

- Canta, filhinha; canta.

Experimentei fazer voz de criancinha:

- Não me lembro direito.

- Canta assim mesmo.

Eu tava com vontade de tudo, menos de cantar. Fiquei tirando a casca de um amendoim pra ver se eles batiam papo e esqueciam de mim. Mas não esqueceram. Então eu cantei. Saiu ruim toda a vida. Mas foi só eu acabar que eles disseram:

- Agora dança aquela dancinha que outro dia você dançou lá em casa. Ficaram todos me olhando. Esperando. Olhei meu pai pra ver se ele me salvava. Mas ele mandou recado de olho dizendo: “dança logo, menina!”

Puxa vida, eu tinha dançado outro dia porque eu estava contente, com vontade de dançar.

Mas agora eu queria ficar quieta comendo amendoim, será que ninguém ia dizer: “deixa: ela não tá com vontade”? Esperei. Ninguém disse. Dancei. Pensando o tempo todo que eles não iam topar dançar pros outros sem vontade nenhuma. Eu suava que só vendo. Não era da dança, não.

Suava de nervoso: será que eu ainda ia ter que fazer muita graça?

Quando eu acabei eles bateram palma e o tio Júlio me disse:

- Eu soube que você andou escrevendo um romancinho.

- Conta como era a história - o meu irmão falou. Fez ar de riso e piscou meio disfarçado pro tio Júlio.

Será que eles pensam que a gente não percebe essas piscadelas de olho? Tava na cara que o meu irmão queria ver o tio Júlio e a tia Brunilda rindo da história do Rei.

Foi nessa hora que eu ouvi um soluço dentro da bolsa amarela. Depois outro e mais outro. Olhei disfarçado. Cada vez que soluçavam lá dentro a bolsa dava um pulinho. Mais que depressa sumi pro jardim, dizendo que depois eu contava; agora ia estudar.

Abri a bolsa. Era o Terrível, coitado. Tanto seguraram o bico dele pra não abrir, tanto seguraram pata, asa e pé pra não mexer, que ele resolveu ter uma crise de soluço: soluço é o tipo da coisa que ninguém segura. Soluçou meia hora. Aí cansou e dormiu. Ainda bem, porque nessa hora a tia Brunilda gritou:

- Vem Raquelzinha, vamos pra mesa!

Botei a bolsa amarela debaixo da mesa bem junto do meu pé. Tudo estava calmo lá dentro. Minha aflição foi sumindo. Trouxeram a travessa de bacalhoada e botaram bem na minha frente. Minha aflição voltou correndo: a bacalhoada soltava mais fumaça que qualquer chaminé, e a fumaceira passava rentinho do meu nariz.

Sempre que o pessoal grande vê carro e fábrica soltando fumaça eles dizem: “puxa, que poluição!”, mas pra mim a fumaça daquela bacalhoada foi a pior poluição que eu já vi até hoje.

Encheram o meu prato. Tomei coragem e falei:

- Tia Brunilda, a senhora vai me desculpar, mas se tem comida que eu não topo é bacalhau.

- Bobagem da Raquel, ela gosta sim - o meu pai falou.

Olhei pra minha mãe e ela fez cara de quem diz: “não cria caso, sim, Raquel?” Meu irmão tava do meu lado e disse: “come”.. Minha irmã tava do outro e me deu uma cutucada pra comer. Vi que ia dar alteração. Então mandei recado pro estômago aguentar firme, e comecei a mastigar devagar. Foi aí que o Alberto se abaixou pra apanhar o guardanapo e gritou:

- Ih pessoal, vocês já viram o tamanho da bolsa da Raquel?

Antes de continuar contando o que aconteceu, É bom explicar que o Alberto adora implicar comigo. A gente se vê pouco, mas ele sempre arranja um jeito de me encher a paciência.

- O que é que você carrega aí dentro, hem, Raquel?

Todo o mundo resolveu olhar a bolsa amarela. Respondi já meio afobada:

- Nada. Não carrego nada, viu?

Tia Brunilda falou:

- Eu usava essa bolsa pra fazer compras. Mas ela é muito grande pra você, Raquelzinha.

A minha irmã disse com a cara mais limpa do mundo:

- Pois é. Mas a Raquel cismou que queria a bolsa...

E aí o Alberto falou:

- Vou espiar essa bolsa, pra ver o que é que ela tem.

- Mas disse aquilo cantado. Com a música de “Vou passear na floresta, enquanto seu lobo não vem”.

Meu coração disparou. Tudo que o Alberto dizia que ia fazer, fazia mesmo; era só ele cismar, que me arrancava a bolsa à força. Então, pra ver se todo o mundo esquecia o assunto e me deixava em paz, eu falei:

- Ah, tio Júlio! o senhor queria saber como era o meu romance não é? - E comecei a contar.

O Alberto cantarolou mais alto:

- Vou espiar essa bolsa, pra ver o que é que ela tem. - Se levantou da mesa. Todos ficaram olhando pra ele. Eu continuei contando a história. Ele veio vindo pra perto de

mim. - Vou espiar essa bolsa, pra ver o que é que ela tem. Vou espiar essa bolsa, pra ver o que é que ela tem. - Estendia as mãos assim que nem garra de monstrinho, e fazia cada careta horrível.

O pessoal desatou a rir. Principalmente a tia Brunilda. Ria de chorar. Parei de contar, me levantei, e botei a bolsa atrás de mim. Aí o Alberto começou a me fazer cócega pra ver se saía da frente da bolsa. Pra quê! Fiquei na maior chateação:

- Tia Brunilda, diz pro Alberto parar com isso, sim?

Ela ria.

- Por favor, tia Brunilda!

- Vou espiar essa bolsa, pra ver o que é que ela tem. - E toca a fazer cócega.

Fui pra perto da tia Brunilda:

- A senhora acha engraçado tudo que o Alberto faz, não é? Ele pode fazer a maior besteira do mundo que a senhora acha graça.

Minha irmã fechou a cara:

- Não fala assim com a tia Brunilda.

- Ela não tá ligando a mínima o que o Alberto faz comigo, por que é que eu vou ligar pra ela?

- Raquel!

- Por que vocês tão sempre ligando, é?

- Não precisa dizer mais nada, Raquel.

- Vou espiar essa bolsa...

- Porque vocês tão sempre paparicando ela, é?

- Raquel, eu disse chega.

- ... pra ver o que é que ela tem.

- Porque ela é rica, é?

- Eu disse che-ga!

- Vou espiar essa bolsa...

- Porque ela tá sempre dando presente, é?

- Chega! ! !

Mas aconteceu uma coisa esquisita: eu não podia parar de falar. E quanto mais cócega o Alberto me fazia, mais alto eu

ia falando. Minha irmã me torceu um beliscão tão grande que eu gritei. O Alberto deu um bote:

- Peguei! - e puxou a bolsa. Mas eu não larguei, e puxei ela pro meu lado. Ele puxou muito mais. E enquanto puxava fazia careta, fazia graça, e não é que o pessoal continuava rindo? Ele puxava, eu puxava, a bolsa ia toda pro lado dele, me escapava da mão; ele puxava, puxava, ela foi escapando, escapou.

- Ah! ! agora a gente vai ver o que a Raquel guarda aqui dentro.

Eu quis falar. Trancou tudo na garganta. Me lembrei do fecho. Pensei com toda a força pra ver se ele ouvia: “Enguiça!”

O Alberto sentou no chão:

- Como é? esse fecho não abre?

O pessoal continuava rindo. Puxa vida, por que é que eu não tinha nascido. Alberto em vez de Raquel? Pronto! mal acabei de pensar aquilo e a vontade de ter nascido garoto deu uma engordada tão grande que acordou o Terrível, empurrou o Afonso, sei lá o que é que aconteceu direito, só sei que a bolsa desatou a dar pinote no chão.

- Tem coisa viva aí dentro ! - o Alberto gritou.

E todo o mundo arregalou cada olho assim. Mamãe levantou da mesa e falou com voz firme:

- Bom Raquel, agora vamos ver mesmo o que é que tem aí dentro.

O fecho não abre - minha irmã falou.

- Mas por quê? Ele não tá trancado, não tem chave...

- Espera aí, deixa eu experimentar.

- Puxa assim, puxa assim pra ver se ele abre.

E de repente todo o mundo tava lutando pra abrir a minha bolsa. Minha. Minha. Minha! E eu ali sem poder fazer nada. Ah, se eu fosse gente grande! Quem é que ia abrir minha bolsa assim à força se eu fosse grande? quem? E aí a minha vontade de ser grande desatou também a engordar. E quanto mais eu ficava grudada no chão sem poder fazer

nada, mais as minhas vontades iam engordando, e a bolsa crescendo, crescendo, já nem pulava mais, só crescia, crescia, crescia.

O pessoal tava de boca aberta:

- Parece um balão!

Esqueceram até de lutar com o fecho, esqueceram tudo. Só olhando a bolsa crescer. Aqui pra nós eu também tava um bocado espantada: nunca tinha visto minhas vontades crescendo tanto assim.

A turma da bolsa amarela começou a gemer. Vi que eles não tavam mais aguentando a espremeção lá dentro. A Guarda-chuva pediu socorro. Mas pedir socorro na língua da Guarda-chuva leva um tempão, e o pessoal ainda ficou mais espantado quando ouviu aquela língua esquisita.

- Afinal de contas, Raquel, o que é que você carrega aí dentro?!

- Fala, menina!

Cada um dizia que o barulho era uma coisa. Começaram outra vez a querer abrir o fecho. Mas o fecho - que legal que ele foi! -aguentou firme a força que todo o mundo fez pra ele abrir.

- Não adianta, ele não abre.

- Deixa, espera, daqui a pouco ele não agüenta mais e rebenta.

Largaram o fecho. Eu vi que a fazenda da bolsa já tinha esticado tudo que podia. O Alberto gritou:

- Olha só, vai rebentar, vai rebentar!

Ninguém falou mais nada. Só ficaram esperando o fecho rebentar. Que nem eu. E a turma da bolsa também ficou quieta. Esperando. Só esperando. Esperando.

De repente, deu um estouro danado. Estouro no duro. Parecia até que tinha rebentado uma bomba dentro da bolsa amarela. Todo o mundo pulou pra trás. E aí deu outro estouro. Ainda maior.

Fiuuu... A gente começou a ouvir um barulho de balão esvaziando. A bolsa foi emagrecendo, emagrecendo, mas

não parava de mexer - a turma lá dentro estava numa agitação incrível. A bolsa emagreceu até fícar do tamanho que era antes; o Alberto então pegou ela pra abrir. E o fecho tava tão zonzo com os estouros que nem se lembrou mais de enguiçar: abriu!

O Afonso pulou pra fora. Mascarado. Agarrando o Terrível com força. O Terrível tava um bocado esquisito: bico, asa, pata, tava tudo amarrado com a correntinha da Guarda-chuva. O Afonso berrou :

- Senhoras, senhores, querido público! Sou um galo mágico. Aprendi uma porção de mágicas com um antigo dono mágico. A Raquel hoje me trouxe a essa distinta casa só pra divertir vocês e fazer a mágica da bolsa que engorda e desengorda. Tá feita. Agora posso ir m’embora. Vou noutra casa fazer a mágica do galo preso com uma corrente. Tchau! - E saiu mais que depressa, arrastando o Terrível.

O pessoal espiou dentro da bolsa. Estavam todos quietos: a Guarda-chuva, o Alfinete, os nomes, os retratos. Espiei também. Lá bem no fundo vi uns restos de vontade, assim que nem resto de balão quando estoura. Mas só eu que vi, mais ninguém.

- Onde é que você encontrou esse galo, Raquel?

Fiz cara de quem tá achando aquilo tudo a coisa mais normal do mundo:

- Por aí. Mágica bacana, não é?

Fiquei esperando o Afonso na portaria. Louca pra entender direito o que é que tinha acontecido. Ele demorou muito, e quando chegou tava um bocado cansado de tanto segurar o Terrível pra ele não rebentar a corrente e fugir. Prendeu o Terrível na bolsa. Aí respirou aliviado e me piscou o olho:

- Você hoje deu uma sorte danada, hem?

- Conta de uma vez o que é que aconteceu, Afonso! Não entendi nada.

- Ele não te contou?

- Quem?

- O Alfinete de Fralda. Foi ele que salvou a situação.

- No duro? - Peguei o Alfinete no bolso bebê. Só aí é que eu vi que ele estava todo torto. - Que foi isso?

A pontinha dele foi riscando a palma da minha mão:

- Bom, tuas vontades foram enchendo que nem balão. A gente ficou tão espremido que começou a sufocar.

- Isso eu sei, mas e daí?

- Você lembra quando eu te contei a minha história?

- Lembro.

- Pois é: todo o mundo vivia achando que eu não servia pra nada, mas eu sempre achei que servia sim. Lembra?

- Lembro, Alfinete, lembro, mas e daí?

- Pois é: eu sirvo sim. Viu?

- Mas conta de uma vez o que o que você fez.

- Espetei tuas vontades com toda a força. Pra ver se elas estouravam que nem balão. E elas estouraram mesmo. Mas puxa, vou te contar! como elas são duras. hem? Tive que

fazer tanta força para espetar as duas que acabei entortando todo. Me desentorta?

- E a ideia da mágica? também foi sua?

- Foi minha! - o Afonso gritou.

- Você gostou?

- Se gostei.

- Eu também gostei demais. Fiquei até achando que já que eu achei uma ideia, agora eu sou capaz de achar a outra.

- Que outra?

- A ideia que eu tô precisando achar pra lutar por ela... Ué! Só agora que eu tô reparando: a Guarda-chuva continua desmaiada.

- Ela tá desmaiada?

- Desmaiou de susto com os estouros. - Me desentorta, Raquel?

- Ah, Afonso, faz alguma coisa pra ela des-desmaiar, faz.

- Mas ela tá com uma cara tão satisfeita. Olha só. Ela deve estar sonhando bonito mesmo.

Era verdade. A Guarda-chuva estava com uma cara genial. A gente ficou até parada, olhando pra ela. De repente, o Afonso resolveu :

- Sabe de uma coisa? Eu vou deixar a Guarda-chuva desmaiada até amanhã de manhã.

- Pra ela continuar sonhando bonito?

- Não. Porque se ela acorda ela começa a contar o desmaio e fica falando a noite inteira. - Me desentorta?

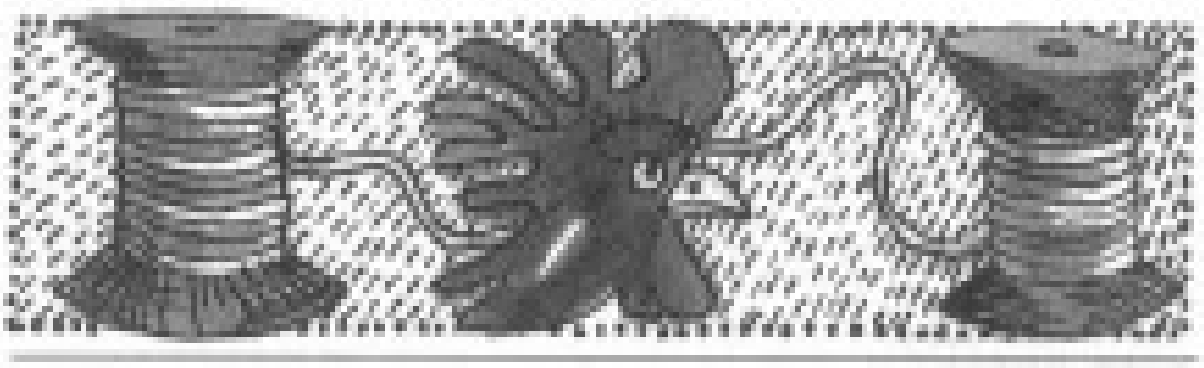
- Desentorto.

- Então desentorta.

Desentortei. E aí o Alfinete de Fralda voltou pro bolso dele na maior alegria: tinha mostrado que servia pra muita coisa sim.

7

TERRÍVEL VAI EMBORA



Acordei com o Afonso apavorado:

- Raquel, o Terrível fugiu!

- Mas como é que pode? A bolsa não ficou fechada de noite?

- Na certa o fecho abriu.

Fiquei danada com o fecho, fui logo desabafando:

- Seu chato! Como e que você deixa o Terrível fugir?

Mas o fecho é um bobalhão, até hoje não aprendeu a falar coisa nenhuma. Só fica naquele tlique-tlique e pronto. E na hora que eu desabafei com ele a única coisa que ele encontrou pra me dizer foi um tlique com cara de dor. Foi aí que eu vi que ele estava todo arranhado por dentro, coitado. O Terrível na certa tinha lutado com ele e ele não teve outro remédio senão abrir.

O Afonso me mostrou um bilhete que tinha achado no fundo da bolsa. Dizia assim:

Fui brigar a briga que eu tinha que brigar.
Pra mostrar que eu ainda posso ganhar.

Terrível.

Olhei pro despertador da minha irmã. Eram cinco horas da manhã.

- A que horas ele ia brigar, Afonso?

- Bem de noite.
- A noite tem tanta hora.
- Qual delas eu não sei.
- Mas você sabe onde ia ser a briga?
- Na Praia das Pedras.
- Então vamos lá.
- E se o pessoal acorda e não te vê?
- É cedo: dá tempo de ir e voltar antes de todo o mundo acordar.

Mas o Afonso não se mexia.

- Vamos de uma vez, Afonso!
- Eu tô com medo.
- De quê?
- E se ele não ganhou?
- Não adianta ficar pensando, o melhor é ir lá ver.

E a gente foi.

A Praia das Pedras tá sempre meio vazia: é contramão, o mar é ruim, e tem muita pedra na areia. De noite então fica um deserto. Foi por isso que o pessoal fez a briga lá. Era um pessoal muito barra pesada: eles sabiam que briga de galo é proibido, mas eles sabiam também que fazendo a briga de noite lá na Praia das Pedras ninguém ia ver.

Quando a gente chegou viu a marca de uma roda na areia. O Afonso explicou que o pessoal sentava no chão fazendo roda pra ver a briga e apostar.

A função toda já devia ter acabado há muito tempo porque não tinha nem galo nem gente por perto. Mas no meio da roda tinha uma bagunça danada. Tudo cavado. Risco pra todo lado fazendo desenho de briga. Tinha sangue no desenho. E na praia tinha um jeito de chuva. Pra falar a verdade, já estava pingando. E tinha umas penas no chão.

- São do Terrível?
- São.

Eram duas.

Nessa hora a gente ouviu um gemido:

Bzz(((uiu))u))vbvbvbv?

O Afonso tomou um susto:

- Isso na língua da Guarda-chuva quer dizer socorro.

Abri a bolsa e olhei dentro.

- A Guarda-chuva sumiu!

Na afobação, no nervoso, ninguém tinha visto o bolso dela vazio.

- Então foi ela mesmo que gemeu.

A gente foi correndo espiar atrás das pedras. Acabamos encontrando a coitada da Guarda-chuva caída na areia, já cansada de pedir socorro. E foi só ela ver o Afonso que desatou a falar. Falou tanto que eu cheguei a me deitar pra dormir. Mas não dormi não: a cara do Afonso foi ficando tão ruim que eu perdi o sono. Às vezes eu perguntava:

- O que é que ela tá contando?

Mas ele nem ligava, continuava escutando. E a cara piorando. Não era só a cara que piorava: a crista desmoronou, a cabeça ficou baixa, e as penas do rabo dele que eram sempre tão animadas, ficaram tão murchas que dava até pena.

Lá pelas tantas a Guarda-chuva parou de falar. Com muito cuidado o Afonso pegou ela nas asas e me entregou.

- Guarda ela, Raquel. A coitadinha não pode se mexer mais; quebrou as varetas boas que ainda tinha.

Arrumei a Guarda-chuva no bolso.

- Mas o que é que aconteceu, Afonso?

- Quando ela acordou do desmaio, viu o Terrível fugindo da bolsa amarela. Se agarrou nele e veio junto, o tempo todo falando, falando, querendo convencer o Terrível que, ele não tinha nada que brigar. Mas ele nem dava bola. Corria. Voava. Chegou aqui na praia e pulou logo pra dentro da roda. Quando viram a Guarda-chuva agarrada no Terrível, desataram a rir. Disseram pra ela ir embora senão o Crista de Ferro acabava com ela também. Mas ela nem ligou; continuou falando. Riram mais. Ela continuou não ligando: o que interessava era ajudar o Terrível. Aí o pessoal se zangou,

pegou ela de jeito e, zuque! varejou longe. Ela caiu ali. Quebrou tudo que ainda não tinha quebrado, e o que já tava quebrado ainda quebrou muito mais.

Ele contou aquilo baixinho, enquanto ia andando pra roda. Fui indo atrás.

- Mas ela viu a briga?

Ele parou e ficou olhando as duas penas.

- Viu sim. Deu pra ver.
- E daí?
- Falou que o Terrível apanhou até dizer chega.
- Não pode ser.
- Foi.
- Mas ele disse que vinha aqui pra mostrar que ia ganhar.
- O Crista de Ferro ganhou.
- Aposto que ela não viu direito, Afonso.
- Viu sim.
- Tava escuro, ela viu mal.
- Ela vê bem.
- E onde é que deixaram o Terrível?
- Levaram embora. Disseram que era pra não ficar nada na areia. Pra ninguém ver que teve briga de galo aqui. - Pegou as penas. - Mas esqueceram as penas. - Fez festinha nelas devagar. - Vou guardar de lembrança.

Fiquei olhando a roda. Gente pequena usava roda pra brincadeira: ciranda, jogo de prenda, chicote-queimado... Mas gente grande inventava umas coisas tão esquisitas pra fazer roda. Perguntei:

- Você acha que se não tivessem costurado o pensamento do Terrível com a tal linha bem forte ele tinha vindo aqui brigar?

Mas o Afonso nem escutou. Já ia lá na frente. Numa pressa danada. Andando diferente, olhando pro chão - pra ver se ninguém via que ele estava morrendo de chateação.

8

HISTÓRIA DE UM GALO DE BRIGA E DE UM CARRETEL DE LINHA FORTE

Eu tinha dito que nunca mais na vida, até ser grande, eu escrevia outro romance. Mas aquele negócio que aconteceu com o Terrível me deixou tão - sei lá - tão diferente, que eu não parava mais de pensar nele. Quando eu vi já estava escrevendo uma história contando tudo que eu acho que aconteceu no duro. Porque eu tenho certeza que a Guarda-chuva não viu direito. Vou copiar aqui o que eu escrevi:

Assim que ele nasceu resolveram que ele ia ser um galo de briga tão brigão, tão ganhador de todo o mundo, tão terrível, que o melhor era ele se chamar Terrível de uma vez e pronto.

Porque no galinheiro onde ele morava era assim mesmo mal os pintinhos nasciam, os donos do galinheiro já resolviam o que é que cada um ia ser:

- Você vai botar ovo.

- Você vai ser tomador-de-conta-de-galinha.

- Você vai ser galo de briga.

- Você vai pra panela.

E não adiantava nada os pintinhos quererem ser outra coisa: os donos é que resolviam tudo, e quem não gostou que gostasse.

Terrível tinha um primo chamado Afonso. Os dois eram enturmados que só vendo, batiam cada papo bom mesmo. Quando os donos viram aquilo, pronto: separaram os dois. E disseram:

- Galo de briga não pode gostar de ninguém. Galo de briga só pode gostar de brigar.

Terrível foi crescendo, foi crescendo, ficou grande. E os donos todo o dia treinando ele pra brigar. Mas quanto mais treinavam o Terrível, mais o Terrível ia ficando com uma vontade danada de se apaixonar. Porque ele era assim: gostava demais de curtir a vida: O problema é que botavam ele pra brigar, e todo o mundo sabe que briga é o tipo da coisa que não combina com curtição.

Até que um dia ele se apaixonou por uma franguinha que era uma graça. E aí aconteceu o seguinte: na hora de brigar ele começava a pensar nela; em vez de atacar o inimigo ele desenhava no chão um coração. Os donos ficaram furiosos e trancaram o Terrível num galinheiro de parede bem alta. Não dava mais pra ele ver a namorada, não dava pra ver mais ninguém. Depois trouxeram um outro galo que também estava treinando pra ser galo de briga e deixaram os dois juntos: era pra eles brigarem bastante.

Mas o Terrível foi logo achando que o outro galo era legal, e então deu um vôo, roubou uma meia de mulher que tava pendurada no varal, rasgou um pedaço, encheu de folha de pena de tudo que encontrou, amarrou com o outro pedaço e fez uma bola. Em vez de brigar os dois foram jogar futebol.

Foi aí que os donos disseram:

- O jeito é fazer o Terrível pensar do jeito que a gente quer que ele pense.

- Mas que jeito? Bolaram, bolaram, e acabaram resolvendo que o jeito era costurar o pensamento do Terrível e só deixar de fora o pedacinho que pensava: "Eu tenho que brigar! Eu tenho que ganhar de todo o mundo!" O resto todo sumia dentro da costura. E resolveram:

- Vamos costurar com uma linha bem forte pra não rebentar.

A LOJA DAS LINHAS era uma loja que só tinha linha. De tudo quanto é jeito e cor. Na prateleira do fundo moravam dois carretéis, que há muito tempo estavam ali, um do lado do outro, esperando pra ser comprados. Um era carretel de linha de pesca; o outro, de linha forte. As duas linhas batiam papo até não poder mais:

- Puxa vida, ainda bem que eu nasci linha de pesca: vou viver no mar, no sol, pegando peixe, vai ser legal. Será que o meu comprador vai ter barco?

- Você queria barco a vela ou de motor?

- Motor. Vai mais depressa. Respinga água. Vejo mais mar.

A Linha Forte suspirava:

- Você que é feliz: sabe direitinho a vida que vai ter. Eu não. Passo o dia pensando no quê que vão me usar.

- Você queria ser usada pra quê?

- Ah, pra costurar lona de barraca de acampamento! Já pensou? Viver sempre lá fora, acampando aqui, ali, viajando pra baixo e pra cima, conhecendo uma porção de lugares diferentes, que maravilha!

As duas queriam viver no mar, no mato, lá fora, sempre lá fora: a Loja das Linhas era tão apertada, abafada, tão sempre de luz acesa.

Quando fechavam a loja de noite, e elas viam que outro dia tinha acabado e nenhum comprador tinha aparecido, elas ficavam meio na fossa e diziam:

- Puxa, a gente vai acabar mofando de tanto ficar nessa prateleira.

Até que um dia os donos do Terrível entraram na loja e compraram a Linha Forte. Compraram sem dizer pra que estavam comprando.

Quando a Linha de Pesca viu a amiga indo embora, quase morreu de tristeza. Só não morreu porque estava numa curiosidade danada pra saber como é que ela ia ser usada. E então foi atrás pra saber. Esperou eles entrarem em casa, e aí ficou espiando pelo buraco da fechadura. Viu direitinho quando fizeram um talho na cabeça do Terrível, tiraram o pensamento dele lá de dentro, costuraram ele todo com a Linha Forte, só deixaram descosturado o pedaço que pensava "tenho que brigar! tenho que ganhar de todo o mundo!" Depois viu quando eles enfiaram de novo o pensamento na cabeça e costuraram o talho com um restinho da Linha Forte que tinha sobrado. Nessa hora a Linha de Pesca sentiu uma pena horrível da Linha Forte: "Coitada! Ela queria tanto viver viajando, no sol, no vento, sempre acampando, e acaba desse jeito, fechada pra sempre no pensamento do galo." Voltou pra loja numa tristeza daquelas. Se ajeitou na prateleira e continuou esperando um comprador.

O tempo foi passando. Terrível só pensava o tal pedaço descosturado. E então começou a ganhar tudo quanto é briga. Todo o mundo apostava nele. Os donos pegavam o dinheiro, e em vez de dar pro Terrível, eles diziam:

- Bobagem. Pra que que galo precisa de dinheiro? - E metiam o dinheiro no bolso.

Terrível não ligava a mínima porque o pedaço do pensamento dele que pensava "puxa vida, eu dou esse duro todo e eles é que ficam com o dinheiro" também estava costurado.

E foi assim que o Terrível ganhou cento e trinta lutas!

Durante esse tempo que passou, a vida da Linha Forte não foi mole: como ela morava no pensamento do Terrível, e como ele pensava sempre a mesma coisa, a vida dela era chatíssima, não variava nunca. Então ela dormia pra passar o tempo. Dormia até dizer chega. E às vezes pensava: eu preciso dar um jeito da minha vida melhorar. Mas acabava não dando pra encontrar um jeito ela precisava largueza pra procurar, e lá dentro ela vivia muito apertada.

O corpo do Terrível foi cansando. Um dia ele lutou com um galo mais novo e mais forte chamado Crista de Ferro,. e perdeu. Lutou outra vez. E perdeu de novo. Os donos do Terrível ficavam danados, mas não deixaram o Crista de Ferro acabar com o Terrível. Marcaram a terceira luta dos dois. Na praia. Bem escondida: ia ser uma luta feia. E disseram:

- Olha aqui, Terrível, o negócio é o seguinte: ou você ganha essa briga ou a gente deixa o Crista de Ferro abotoar teu paletó.

O Terrível ficou supernervoso, mas como o pensamento dele nunca variava, ele nem pensou em fugir nem nada. Foi aí que ele encontrou o Afonso, o tal primo que era enturmado com ele.

O Afonso tinha fugido do galinheiro porque queriam que ele fosse tomador-de-conta-de-galinha e ele tinha horror daquela vida. Andava escondido na bolsa de uma amiga dele chamada Raquel.

Quando o Afonso e a Raquel souberam da história toda, eles viram logo que o Crista de Ferro ia acabar com o Terrível. Então prenderam ele na bolsa. Mas na noite da briga o Terrível conseguiu sair da bolsa e correu pra praia. Aí a Linha Forte ficou na maior aflição: ela sabia muito bem

que o Terrível ia morrer na briga; e ele morrendo, ela morria também. Ela era uma linha dorminhoca, adorava uma soneca, mas também não queria dormir sempre, pra toda a vida - assim que nem é a morte. Começou a fazer uma força danada pra ter uma ideia, pra dar um jeito de salvar a situação.

- Entra na roda! Entra na roda!

Era assim que todo o mundo gritava quando o Terrível chegou na praia.

O pessoal que apostava estava sentado na areia fazendo roda, e o Crista de Ferro no meio da roda esperando.

Que força que a Linha Forte fazia pra encontrar uma ideia, pra dar um jeito!

Terrível pulou pro meio da roda. A briga começou.

Crista de Ferro lutava muito melhor, e achava que lutar era legal (na certa o pensamento dele também tinha sido costurado).

Terrível começou a perder. Perdeu sangue, perdeu duas penas, foi ficando cansado.

A Linha Forte cada vez fazia mais força pra dar um jeito. Quanto mais o Terrível apanhava, mais força ela fazia. Mais força. Mais força.

Até que de repente - plá! ! ! - de tanto fazer força, rebentou. E foi só ela rebentar que o pensamento do Terrível descosturou, abriu todinho, e ele desatou a pensar mil coisas, ficou até tonto de tanto pensamento junto. Num instante entendeu tudo que estava acontecendo, e é claro que não sendo bobo pensou logo: besteira eu morrer nessa praia só porque eles cismaram que eu tenho que brigar com o Crista de Ferro. E se mandou! Correu pro mar.

Saiu todo o mundo atrás, o Crista de Ferro também. Quando o Terrível viu o pessoal chegando perto, entrou ainda mais pra dentro do mar. Foi aí que ele viu um barco parado nágua. Dentro do barco tinha um homem pescando e curtindo tanto a pescaria que nem tinha visto ninguém: só olhava pro mar e mais nada.

Terrível foi indo pro barco. A Linha Forte se apavorou outra vez: Terrível não sabia nadar, na certa ia se afogar, e ele se afogando, ela se afogava junto com ele. Era azar demais! mal se livrava de uma e caía noutra.

O pessoal já estava pertinho. Terrível desatou a engolir água, começou a afundar.

E foi nessa hora - justinho nessa hora - que a linha do anzol do homem do barco reconheceu o Terrível. Ela viu o que é que estava acontecendo, se lembrou da amiga dela costurando o pensamento do galo e - zuque! - deu uma guinada e jogou o anzol na crista do Terrível. O anzol fisgou a crista, e o dono do barco - crente que aquele peso era peixe - suspendeu o caniço e foi enrolando a Linha de Pesca. Enrolou, enrolou, o Terrível foi chegando perto do barco, chegando, chegou! Só aí é que o homem viu que não era peixe, era galo. Mas não ligou: ele estava mesmo querendo uma companhia. E então ligou o motor e o barco foi embora.

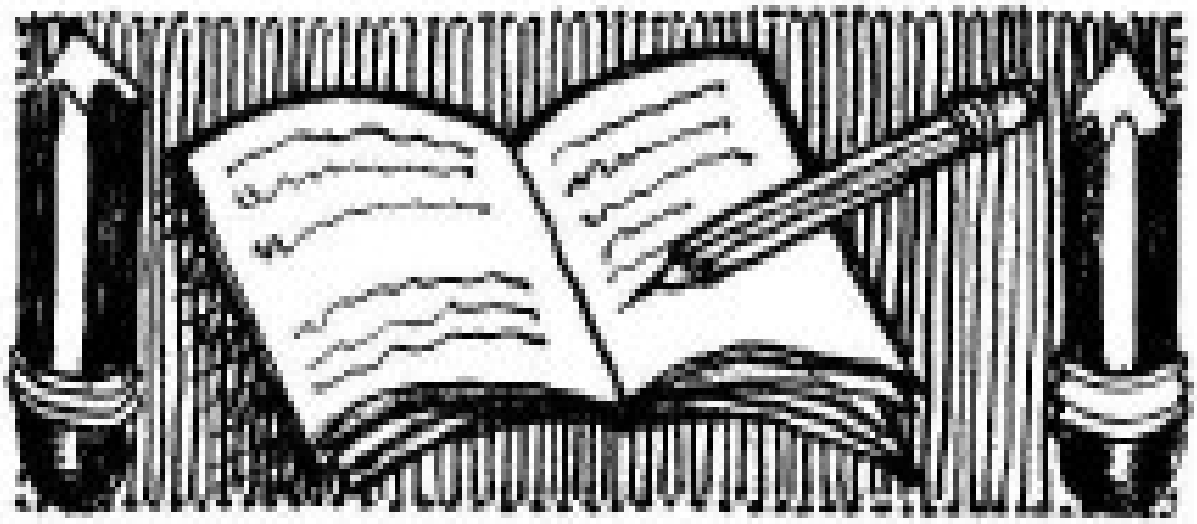
O barco andou mar à beça, e quem gostou mais foi a Linha Forte: ela adorava viajar, e era um tal de ver ilha, de ver porto, de ver peixe, de ver coisa que só vendo.

Ai, um dia, o barco chegou num lugar bem longe e Terrível desembarcou. Era lá que ele ia viver. Sossegado. Sem ter que ganhar de todo o mundo. Lá ele ia arranjar amigo e desenhar coração. E não ia mais ter dono nenhum costurando o pensamento dele.

Quem viu na praia as duas penas que o terrível perdeu, pensou até que ele tinha morrido. Bobagem. Ele agora tá curtindo a vida no tal lugar bem longe. Ele e a Linha Forte. Os dois."

9

COMECEI A PENSAR DIFERENTE



Enquanto eu escrevia a “História de um Galo de Briga e de um Carretel de Linha Forte”, a vontade de escrever andou tão magrinha que já não pesava quase nada. Que alívio. Acabei até mudando de ideia: resolvi que se eu queria escrever qualquer coisa eu devia escrever e pronto. Carta, romancinho, telegrama, o que me dava na cabeça. Queriam rir de mim? Paciência. Melhor rirem de mim do que carregar aquele peso dentro da bolsa amarela.

O Afonso andava muito pensativo. Saía todos os dias, ficava fora um tempão.

- Onde é que você andou, hem, Afonso?
- Procurando uma ideia por aí.
- Achou?
- Não.

Falava pouco, nem com a Guarda-chuva ele conversava.

Quando acabei de escrever a história do Terrível, eu dei pra ele ler. Aí ele ainda ficou mais pensativo. Perguntou:

- Você acha que foi isso mesmo que aconteceu?
- Acho.

- Então de vez em quando é bom a gente ir na Praia das Pedras ver se o barco aparece de novo.

- Vamos hoje?

Fomos. Mas não tinha barco nenhum. Quando a gente ia voltando, de repente o Afonso berrou:

- Achei!

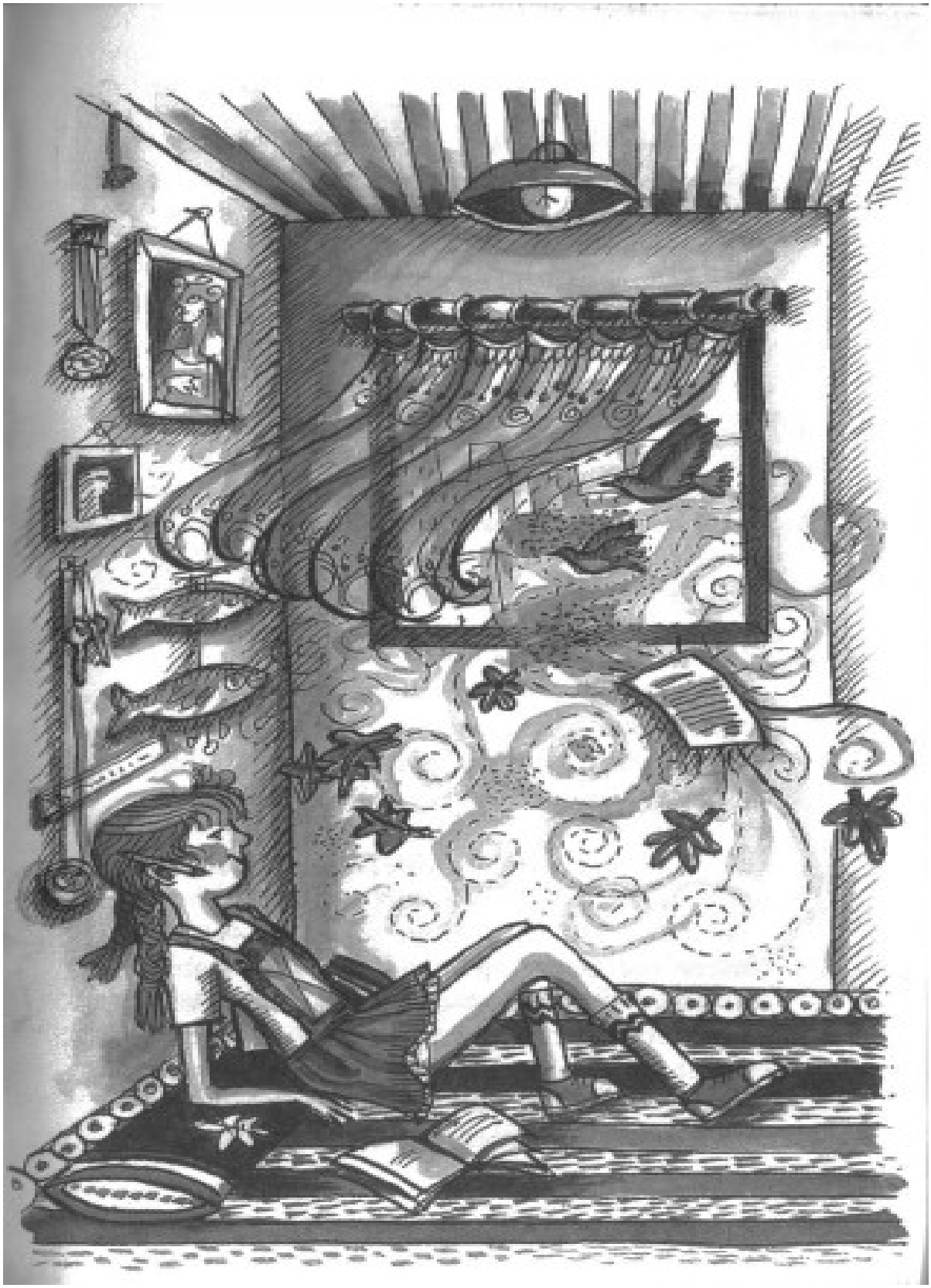
- O quê?

- A ideia.

- Onde?

- Dentro da tua história! - E ficou alegre que só vendo, desatou até a cantar:

“Achei, tá achado
não vou mais desachar.
Achei, tá achado.
Agora é começar.”



- Mas qual é a ideia, Afonso?

- Vou sair pelo mundo lutando pra não deixarem costurar o pensamento de ninguém. – E começou logo a fazer planos: ia aqui, ia ali, ia fazer, ia acontecer, ia atravessar o mar, ia achar o Terrível e não sei que mais. Aí parou e franziu a crista:

- Só tem um problema: o mundo é grande demais, se eu saio lutando a pé vou ficar muito cansado.

- Ué, você não sabe voar?

Ele torceu o bico, fez cara de pouco caso:

-Vôo de galo é voinho à toa. De voinho em voinho eu não vou longe.

- Você é um galo diferente, por que é que você não experimenta voar mais alto?

- Pois aí é que está. - E então ele me contou que toda a vida teve mania de voar bem alto. Mas nunca experimentou porque tinha um medo danado de cair. Até que um dia tomou coragem e voou pro telhado de uma casa. E depois pra folha mais alta de um coqueiro. E aí saiu voando pra ver se chegava numa nuvem. Quando já ia chegando perdeu a força e começou a cair. Foi caindo cada vez mais depressa. E se não é a sorte de um urubu ir passando e perguntar “quer carona?”, era um galo morto.

- Fiquei apavorado, sabe Raquel? Daí pra frente toda semana eu resolvo: segunda-feira bem cedo vou experimentar outra vez. Mas na hora eu não tenho coragem e deixo pra outra segunda-feira.

- Há quanto tempo?

- Desde pequeno.

A Guarda-chuva quis saber que tanto o Afonso falava. Ele contou os planos todos na língua dela. Pra quê! Ela falou, falou, falou, e no fim chorou.

- Que que há, Afonso? Por que é que ela tá chorando desse jeito?

O Afonso tava com uma cara tão triste que eu pensei que ele ia chorar também.

- Ela quer ir comigo; disse que não vai aguentar a saudade. Mas a questão é que ela não pode ir.

- Por quê?

- Ué, ela tá toda quebrada, não pode nem se mexer.

O Alfinete de Fralda saltou do bolso bebê e a pontinha dele riscou na fazenda da bolsa:

- No dia que eu saí da fábrica, eu vi uma casa que consertava tudo. Consertava guarda-chuva também.

O Afonso se animou:

- Vamos lá!

Botei o Alfinete na palma da minha mão, e quando cheguei na rua pedi pra ele mostrar o caminho. A pontinha dele foi riscando:

- Em frente. Dobra. Esquerda. Vai. Direita. Segue. Atravessa.

Vira. Toda a vida. Vai. Aqui, é aqui!

A loja se chamava:

A CASA DOS CONSERTOS

Entrei. A Casa dos Consertos se dividia em quatro partes. Na primeira tinha uma menina assim da minha idade; na outra tinha um homem; na outra, uma mulher, e na outra, um velho. A menina estava estudando, a mulher cozinhando, o homem consertando um relógio, o velho consertando uma panela.

Tossi - pra ver se eles olhavam pra mim. Mas os quatro estavam tão interessados nas coisas que eles tavam fazendo que nem me viram nem nada.

A mulher cozinhava cantando baixinho. Uma música boa mesmo da gente ouvir. Volta e meia ela provava a comida, e aí ficava com uma cara ainda mais feliz.

Tinha um bolo assando no forno; a casa toda cheirava a bolo. Um cheiro tão bom, que o Afonso, as minhas vontades,

o Alfinete, todo o mundo resolveu espiar pela janela pra ver a cara do cheiro. Falei:

- Hmm, que delícia! - Mas os quatro não ouviram.

A menina estava fazendo o mapa do mundo. Caprichava nas cores pra ver se cada país ficava tão bom quanto o outro, escrevia nome de capital, de cidade, parava pra pensar, olhava nos livros, escrevia de novo, desenhava outra vez.

O homem botou o relógio no ouvido e ficou todo satisfeito:

- Ah, agora sim, o tique-taque tá bom, agora sim!

E o velho espiou o fundo da panela e falou:

- Vou soldar essa panela tão bem soldada que ela ainda vai cozinhar muitos anos. - Deu urna risada. - Bobalhona! pensou que só porque estava velha não servia pra mais nada.

E os quatro pararam o que tavam fazendo só pra rir da panela, que era tão boba, coitada, que achava que só porque era velha não servia pra mais nada.

A parede do fundo da Casa dos Consertos só tinha livro. Livro do chão até o teto.

O Afonso achou que tinha que dizer uma coisa e disse:

- Oi. - Mas bem baixinho. Acho que de propósito pra ninguém ouvir.

O homem pendurou o relógio na parede:

- Pronto, você já tá curado. - Pegou um vaso quebrado e fez uma festinha nele: - Agora vamos ver como é que eu colo você. Examinou ele bem. - Você vai ficar novo. Ninguém vai pensar que já quiseram até te jogar fora.

Tinha milhões de coisas penduradas na parede: cadeira, roupa, caneta, rádio, bicicleta, tinha até um cachorro de verdade com a boca amarrada. Fiquei boba: será que ele também tava ali pra consertar?

Aí eles me viram. Deram um oi superlegal. Peguei a Guarda-chuva e mostrei pro homem:

- O senhor podia consertar essa Guarda-chuva pra mim?

Ele examinou a Guarda-chuva com muito cuidado:

- Puxa, ela deve ter levado cada tombo!

- Se levou. E agora não pode nem abrir nem passar pra grande nem nada. Tem conserto?

- Claro que tem. Quase tudo tem conserto.

- E o cachorro? Também tá ali pra consertar?

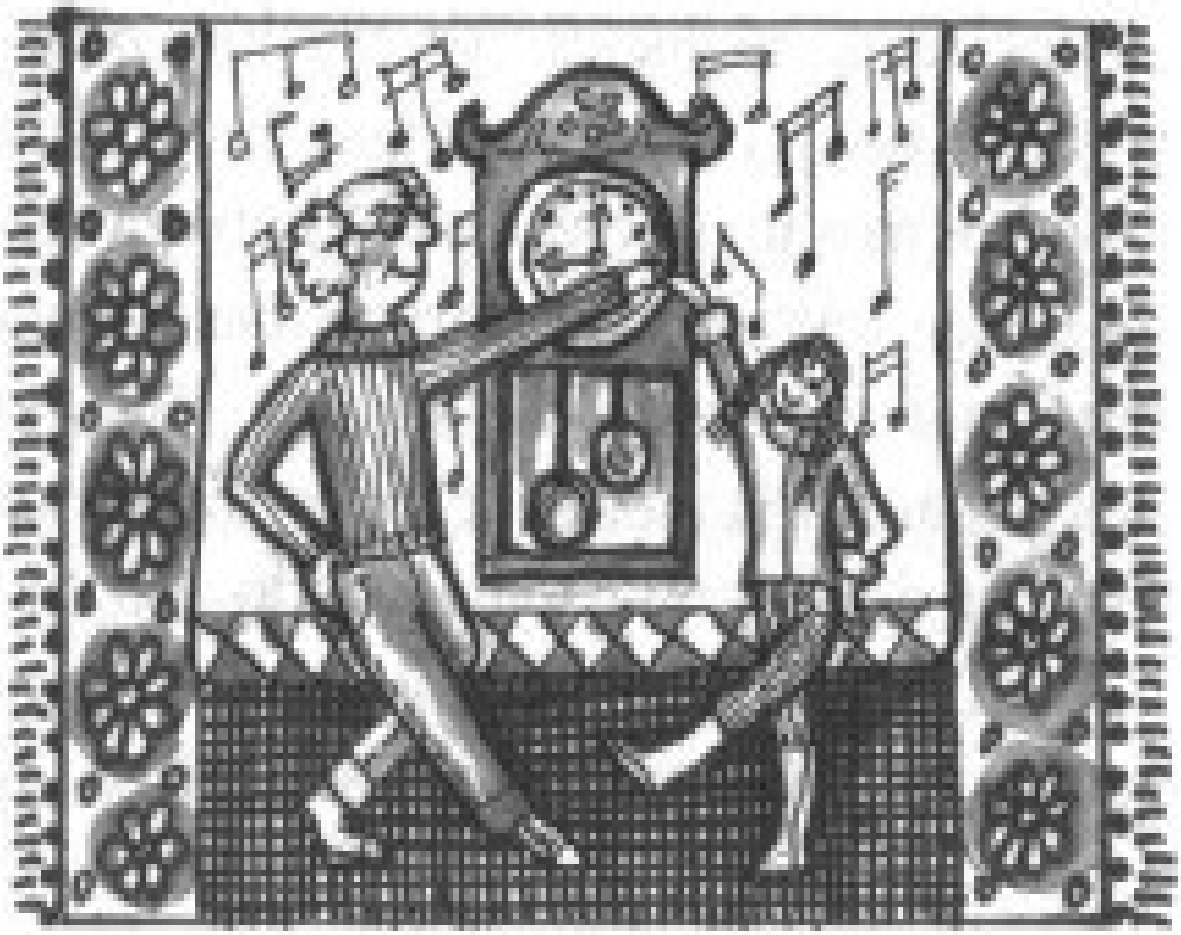
Quando ele ia responder, o relógio começou a bater. Era um relógio grandão. Pendurado na parede. E batia hora tocando música. Mas não era música antiga não: era uma música tão quente que todo o mundo ficou logo ligado e deixou tudo que tava fazendo pra ir pro meio da casa dançar. Faziam uns passos bacanas, riam, cantavam, cada um curtindo a farra mais que o outro. Me chamaram pra dançar. Fiquei assim meio sem jeito, sem saber se ia ou não. Mas o relógio tocava cada vez mais gostoso, e o Afonso foi ficando tão animado que pulou pra fora da bolsa e gritou:

- Vamos lá, Raquel!

E aí eu fui também. O Afonso dançava em frente da menina, e eu dançava em frente do velho. Ele fazia os passos mais incríveis que eu já vi. Quis copiar, errei tudo, dei pra rir, todo o mundo riu também. Mas não era só dos erros que a gente ria; era de tudo: volta e meia o Afonso berrava um cocoricó genial, o velho não parava de inventar passo maluco, o relógio balançava certinho com a música; era tudo tão bom, tão gozado, que era mesmo pra gente rir.

Nem sei quanto tempo durou a curtição. Só sei que de repente, a música parou. Tudo quanto é música que acaba, vai ficando mais devagar, mais isso, mais aquilo, e a gente vê que ela tá chegando no fim. Mas a música do relógio não. Parou de estalo, sem nenhum aviso. E aí a menina, o homem, o velho e a mulher também pararam de estalo. Juntinho com a música. Olharam pra ver onde e que tinham parado. O homem tinha parado junto do fogão, o velho junto do mapa, a menina junto da Guarda-chuva, e a mulher perto da panela e da solda. Nem olharam outra vez: o homem foi logo cozinhando, o avô abriu uns livros e começou a estudar, a mulher desatou a soldar a panela, e a menina examinou a

Guarda-chuva com jeito de quem entende de guarda-chuva e me perguntou:



- Você tem pressa?
- Hmm-hmm.
- Então amanhã tá pronto.

Mas eu fiquei parada, querendo entender melhor a gente daquela casa. Apontei o homem:

- Ele é teu pai?
- É. - E aí ela apresentou os três: - Meu pai, minha mãe e meu avô.

Eles me deram um sorriso legal, e eu cochichei pra menina:

- Por que é que ele tá cozinhando?

Ela me olhou espantada:

- O quê?

Perguntei ainda mais baixo:

- Por que é que ele tá cozinhando bastante e tua mãe soldando panela?

- Porque ela hoje já cozinhou bastante e ele já consertou uma porção de coisas; e eu também já estudei um bocado e meu avô soldou muita panela: tava na hora de trocar tudo.

- Por que?

Pra ninguém achar que tá fazendo uma coisa demais. E pra ninguém achar também que está fazendo uma coisa menos legal do que o outro.

- Teu avô tá estudando?

- Tá

- Velho daquele jeito? (Era meio chato conversar com ela: só eu cochichava; ela falava normal, todo o mundo ouvia.)

- Ele só é velho por fora. O pensamento dele tá sempre novo.

- Por que?

- Porque ele tá sempre estudando. Que nem meu pai e minha mãe.

- Eles também estudam?

- Aqui em casa a gente não vai parar de estudar.

- Toda a vida?

- Tem sempre coisa nova pra aprender.

- E quem é que resolve o que cada um estuda?

- Como é?

- Quem é que resolve as coisas? Quem é o chefe?

- Chefe?

- É o chefe da casa. Quem é? Teu pai ou teu avô?

- Mas pra que que precisa chefe?

- Pra resolver os troços, ué; pra resolver o que é que cada um vai estudar.

- Cada um estuda o que gosta mais. Tem livro aí; a gente escolhe o que quer. O vovô agora tá estudando teatro de bonecos: ele vai fazer um lá na praça.

- Mas... e o resto?

- Que resto?

- Não tem sempre uma porção de coisas pra resolver? Quem é que resolve?

- Nós quatro. Pra isso todo dia tem hora de resolver coisa. Que nem ainda há pouco teve hora de brincar. A gente senta aí na mesa e resolve tudo que precisa. Resolve como é que vai enfrentar um caso que a vizinha criou; resolve se vai brincar mais do que trabalhar; ou estudar mais do que brincar; resolve o que é que vai comer; quanto é que vai gastar em roupa, em comida, em livro; resolve essas transas todas. Cada um dá uma ideia. E fica resolvido o que a maioria acha melhor.

- Você também pode achar?

- Claro! eu também moro aqui, eu também estudo, eu também cozinho, eu também conserto. Aqui todo o mundo acha igual.

- Mas pode?

- Por que é que não pode?

Aí. o relógio bateu outra vez. O pai ficou ainda mais animado e gritou:

- Almoço! A comida tá pronta. - Abriu o forno, tirou o bolo, perguntou se eu queria comer com eles, eu aceitei correndo. E perguntei pra menina:

- Como é que você se chama, hem?

- Lorelai.

Fiquei na Casa dos Consertos nem sei quanto tempo. Pra contar a verdade, não vi o tempo passar. O avô da Lorelai me contou como é que ia fazer o teatro de bonecos; o pai da Lorelai me ensinou a fazer umas panquecas geniais; e a mãe da Lorelai conversou tanto tempo comigo que parecia até que ela não tinha nada que fazer. Contei pra ela como é que as minhas vontades engordavam; contei do quintal da minha casa; e quando eu mostrei os retratos ela achou o quintal tão bonito que eu resolvi dar os retratos pra ela.

- E como é que vai ser quando você quiser olhar os retratos?

- Eu venho aqui. É uma boa desculpa pra vir sempre.

- Ela riu. E eu fiquei achando que gente grande não era uma turma tão difícil de entender que nem eu pensava antes.

Aí o Afonso falou:

- Olha só Raquel, já é de noite.

- Chi! ! - Me apavorei toda: eu tinha saído de manhã, o meu pessoal já devia estar um bocado nervoso, como é que eu nem tinha visto o tempo passar? Me despedi correndo de todo o mundo, a Lorelai foi comigo até a esquina, a gente combinou ficar amiga pra sempre, e ela já ia voltando quando o Afonso enfiou a cabeça na janela e perguntou:

- E o cachorro pendurado? também tá lá pra consertar?

- Tá sim.

- O que é que ele tem?

- Um grilo esquisito: só pensa em morder os outros. A gente vai ver se conserta o pensamento dele pra fazer ele pensar outros troços também. Tchau!

No caminho o Afonso falou:

- Aposto que costuraram o pensamento daquele cachorro. Viu só quanta gente de pensamento costurado? Eu tenho mesmo que sair pelo mundo lutando pela minha ideia.

O pessoal em casa já tava nervoso. Contei da Casa dos Consertos, mas não adiantou: levei castigo: ia ficar uma semana sem poder sair. Justinho minha última semana de férias.

Não sei se foi a chateação do castigo ou o que foi: me deitei e não dormi.

Apagaram a luz. Fiquei pensando na Casa dos Consertos. Todo o mundo dormiu, só pra mim é que o sono não chegava.

Antes, me dava uma aflição danada quando o pessoal todo dormia e só eu ficava acordada. Pra me distrair do escuro eu ficava fazendo de conta que eu não era mais eu. Ia inventando como é que eu me chamava:

Reinaldo

Arnaldo
Aldo
Geraldo

Eu era um deles. Jogando futebol, trepando em árvore, soltando pipa, sendo escritor (quem abe era melhor ser músico?), resolvendo sozinho, ninguém me dizendo:

- É pra homem.
- Por quê?
- Porque sim.
- Porque sim não explica nada. Me explica!
- Depois.
- Quando?
- Depois:

Pedro
Antônio
Pedro Antônio ou só Antônio?
Pedro só.

Mas o depois demorava, demorava, quem diz que chegava? e eu continuava inventando:

Roberto
Alberto
Norberto
Gilberto pra ver se acabava dormindo e a noite passando.

Mas isso era antes. Naquela noite fiquei pensando na Casa dos Consertos e não liguei a mínima de perder o sono. Pra ser franca, até que curti. E, por falar em curtição, puxa vida, como a mãe da Lorelai curtia ser mulher; e como a Lorelai curtia ser menina. Ela achava que ser menina era tão legal quanto ser garoto. Quem sabe era mesmo? Quem sabe eu podia ser que nem a Lorelai?

Quando eu estava no melhor do pensamento, o Afonso me chamou baixinho:

- Ei! Como é que vai ser, hem?
- O quê?
- A Guarda-chuva fica pronta amanhã, mas você tá de castigo uma semana. Como é que vai ser?

- Você vai lá sozinho, apanha a Guarda-chuva, leva uma carta que eu vou escrever pra Lorelai, e diz que quando o meu castigo acabar eu apareço.

- Mas eu não tenho dinheiro pra pagar o conserto.

- Nem eu.

- Então como é que vai ser?

Pensei.

- Leva a “História de um Galo de Briga e de um Carretel de Linha Forte”. Vê se eles trocam a história pelo conserto.

O pessoal da bolsa amarela estava louco, pra ver se na hora da Guarda-chuva desenguiçar, a história dela desenguiçava também. Depois do almoço o Afonso saiu na moita com a minha carta e com a história do Terrível debaixo da asa. Demorou. Demorou toda a vida. Quando ele e a Guarda-chuva chegaram eu já tava aflita:

- O que é que aconteceu, Afonso?

- Olha aí como ela tá novinha em folha!

A Guarda-chuva estava com a cara mais feliz do mundo. Abriu, fechou, tossiu, espirrou, passou de pequena pra grande e de grande pra pequena, riu e mostrou as varetas novas.

- E a história dela? também desenguiçou?

- Pois foi por isso que eu demorei: ela ficou até agora lembrando o resto da história.

- Ah, conta! Conta pra gente!

E o Afonso então contou:

- No dia que a Guarda-chuva enguiçou, tinham saído com ela debaixo de uma chuva danada. Chegaram em casa e deixaram ela aberta junto da janela pra secar. Ela ficou com frio, e pra ver se esquentava, começou a passar de pequena pra grande, de pequena pra grande, até que estalou, enguiçou, não passou pra mais nada. Foi nessa hora que bateu um vento forte. O vento levou a chuva embora, trouxe uma tarde bonita, passou rentinho da janela e vuuuuuuuuu!

carregou a Guarda-chuva pelos ares. Ela morava no oitavo andar, tá bem?

- Ah, coitada! caiu lá de cima?

- Coitada coisa nenhuma: desceu no macio, devagarinho, voando um pouco pra cá, pra lá, vendo a vista, sentindo o vento na cara; desceu que nem paraquedas. E a-do-rou! Achou tão gostoso que já no meio do caminho resolveu que ia mudar de vida: queria ser paraquedas.

- É mesmo?

- É. Mas não deu pé: caiu de mau jeito e quebrou quatro costelas.

- Desde quando guarda-chuva tem costela?

- Tem vareta: dá no mesmo. Aí eles levaram ela pro hospital. Mas se enganaram de médico e ela foi cair na mão de um dentista. Ele obturava cárie o dia inteiro, só via cárie na frente dele, nem reparou que ela era guarda-chuva, obturou as varetas e pronto. Nunca mais a Guarda-chuva funcionou: vareta é o tipo da coisa que a gente não pode obturar. Então ninguém mais usava a Guarda-chuva. Ela ficava pendurada o tempo todo num cabide que tinha perto da janela. Se alguém dizia: “esse guarda-chuva…”

- Eles não sabiam que ela era mulher?

- Ela não conversava com ninguém: sabia que não adiantava, eles não iam entender nada.

Então se alguém dizia: “esse guarda-chuva não serve mais”, tinha logo um que falava: “serve sim! serve pra enfeitar; ele é tão bonitinho!” E a Guarda-chuva ficava triste que só vendo.

- Por que? Ela não gostava de ser bonitinha?

- Gostava. Mas ela achava que ser bonitinha só era muito pouco: se de repente ela desbotasse, ela deixava de ser bonitinha; aí ela não ia servir pra mais nada, porque a única coisa que ela era, ela deixava de ser. Tá entendendo como é que é?

- Mais ou menos. Depois eu vejo se entendo melhor. Continua.

- Tinha também outra coisa que deixava a Guarda-chuva na fossa: ela ficava olhando pra fora, pensando na curtição de ser paraquedas, querendo tanto curtir outra vez! Voar devagar; o vento na cara; cair de levinho no chão... Até que um dia não resistiu mais: pulou pra janela, quase se arrebentou de fazer força, e aí abriu um pouquinho. Esperou um vento passar e lá se foi. Achou que no caminho ia abrir mais.

- Ui, Afonso! É mesmo? Despencou lá de cima sem saber se ia abrir ou não?

- Arriscou.

- Mas que risco !

- Riscão. Grande que nem a chateação de viver sempre ali parada só sendo bonitinha e mais nada.

- E aí?

- Não abriu.

- Chi!

- Se esborrachou no chão, quebrou mais três costelas, não aguentou nem levantar. Foi quando eu passei por ela. Lembra? Naquele dia que a gente tava voltando da escola e eu fui procurar uma ideia.

Foi só o Afonso acabar de contar a história, que a Guarda-chuva desatou a falar pelos cotovelos.

- O que é que ela tá dizendo?

- Tá louca pra dar outra de paraquedas.

- Quando?

- Agora.

E aí a Guarda-chuva já queria sair da bolsa amarela e se jogar pela janela. Foi um custo pra ela entender que tinha que curtir um pouco as costelas novas antes de se arriscar outra vez. Mas acabou entendendo. E todo o mundo então foi dormir.

Eu já tava ferrada no sono quando o Afonso me acordou:

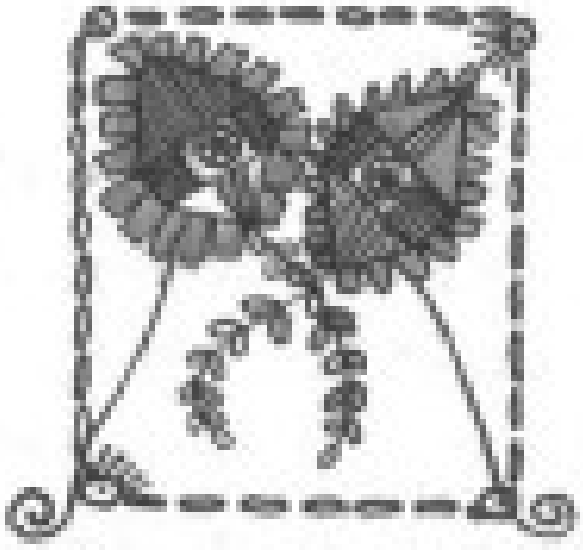
- Esqueci de contar, Raquel! O nome da Guarda-chuva também desenguiçou. Sabe como é que ela se chama? Nakatar Companhia Limitada.

- O quê?!
- É o nome da fábrica onde ela foi feita. Tudo que sai de lá sai com esse nome.
- Que horror.
- Pois é.

No dia seguinte a gente começou a chamar a Guarda-chuva de Nakatar Companhia Limitada. Mas não deu pé. E então ela continuou Guarda-chuva mesmo.

10

NA PRAIA



Minha semana de castigo foi ótima: escrevi à vontade - tudo que passava na minha cabeça, e tudo que acontecia na bolsa amarela. Escrevi também pra turma da Casa dos Consertos. Os quatro me responderam logo. Cada carta boa mesmo. E eu fiquei pensando que fazia uma bruta diferença a gente ter amigo.

Minha vida foi melhorando. Eu já não inventava muita coisa, meu pessoal não ficava tão contra mim. Comecei então a achar que ser menina podia mesmo ser tão legal quanto ser garoto. E foi aí que as minhas vontades deram pra emagrecer. Emagreceram, emagreceram, até que um dia pensei: daqui a pouco elas vão sumir.

As aulas começaram de novo. Uma noite eu sonhei que estava na praia soltando pipa. Acordei e falei pro Afonso:

- Sabe? Disseram que eu não podia soltar pipa.
- Por que?
- Falaram que era coisa de garoto.
- Ué!

- Tá vendo? Falaram que tanta coisa era coisa só pra garoto, que eu acabei até pensando que o jeito era nascer garoto. Mas agora eu sei que o jeito é outro. Vamos lá na praia soltar pipa?

O Afonso topou. Comecei a juntar as coisas que precisava: linha, tesoura, um vidro de cola. Pedi uns trocados pra minha mãe e fui na papelaria comprar umas folhas de papel, fino.

- Olha como o céu tá cinzento - o Afonso falou. - Compra papel vermelho, vai ficar um bocado bonito no meio de tanto cinza.

Comprei. Mas também comprei amarelo: tô sempre achando amarelo genial.

- Você vai precisar de bambu.
- Não vou, não senhor.
- Vai, sim senhora, você não entende de pipa.
- Entendo.
- Vai precisar, Raquel!!
- Você vai ver como eu não vou.

E não comprei nem bambu, nem ripinha, nem nada. Fomos pra Praia das Pedras. A Guarda-chuva desatou a falar. Tão depressa que até se engasgou. E aí foi falando engasgado até chegar na praia. Quando ela acabou, o Afonso tava vibrando:

- Tá vendo, Raquel? não é à toa que eu gosto da Guarda-chuva: ela tem ideias. Sabe o que é que ela me disse? Que eu não preciso mais ter medo de voar alto. Ela vai junto comigo, e se eu caio, ela dá uma de paraquedas; e se eu caio de novo, ela dá outra; e assim toda a vida. Ela falou que chegou a hora da gente sair pelo mundo lutando pela minha ideia, chegou a hora de começar a vida de paraquedas! - Pulou pra fora da bolsa, ajudou a Guarda-chuva a saltar, e cantou em altos brados o tal do "Achei, tá achado não vou mais desachar." Ao ver que não havia ninguém na praia ela ficou ainda mais feliz:- veja como este

dia tão feio a praia está vazia, não há perigo de que caiamos na cabeça de alguem.

A Guarda-chuva desengasgou e ficou pulando pra cá, pra lá, abrindo, fechando, não sossegava. Qualquer um via logo que ela estava na maior aflição pra começar vida nova, pra subir de uma vez lá pro céu.

Fiquei parada. Sem saber se tava triste ou contente. Eles indo embora a bolsa amarela ficava muito mais fácil de carregar, mas... sei lá. Olhei o mar pra ver se via o barco que levou o Terrível. Mas o mar tava vazio que nem a praia.

De repente, o Afonso ficou nervoso. Olhava o céu, abria as asas, dava um voinho à toa. Ria amarelo e explicava:

- Tô esquentando. - E dava outro voinho de nada. Ficou assim tanto tempo que a Guarda-chuva acabou reclamando. Ele então botou a máscara e falou:

- Bom, lá vou eu, quer dizer, lá vamos nós.

- Pra que essa máscara, Afonso?

- Já pensou se eu encontro um avião lá em cima?

- O que é que tem?

- E se o meu antigo dono tá no avião e me vê pela janela? - Apertou bem a máscara. - Já pensou se ele abre a janela, me agarra e me leva de volta pro galinheiro? - Abriu as asas. A Guarda-chuva, mais que depressa, se amarrou nele com a correntinha, e ficou toda empinada, pronta pra entrar em ação. Ele voou pra cima de uma pedra, se jogou no ar, e começou a dar uma de passarinho, batendo as asas com força pra tomar impulso e subir. E subir mais e mais. Quando viu que já estava no alto, ficou tão feliz que caiu na gargalhada. Ria pra chuchu. Não tinha nem mais força pra bater asa. Começou a perder altura, se apavorou.

Quando eu vi que ele vinha caindo, me apavorei também. E aí (coisa mais gostosa!) a Guarda-chuva abriu.

Foi só a Guarda-chuva abrir que o Afonso parou de cair.

Eles vieram descendo bem devagar; parecia até um desenho parado no ar - ela bonita daquele jeito, ele com o rabo ainda mais despenteado por causa do vento que ia batendo nas penas - um desenho bonito mesmo da gente olhar.

O vento levou eles pra lá, eu corri. Mas quando cheguei lá, o vento levou eles pra cá, eu corri de volta, e aí a gente se encontrou: eles tavam caindo de levinho na areia.

A Guarda-chuva estava tão feliz que nem levantou: ficou com preguiça de tudo. Mas o Afonso cantou, virou cambalhota, inventou passo de dança, o tempo todo falando:

- Agora sim posso sair pelo mundo, voando bem alto sem perigo de me esborrachar.

Agora sim posso lutar pela minha ideia. Agora sim vai ser legal. - E de cambalhota em cambalhota chegou perto do mar. Veio uma onda e, puf! pegou o Afonso. Ele levou um trambolhão, quis levantar, a onda não deixou, ele sumiu.

- Afonso, Afonso!

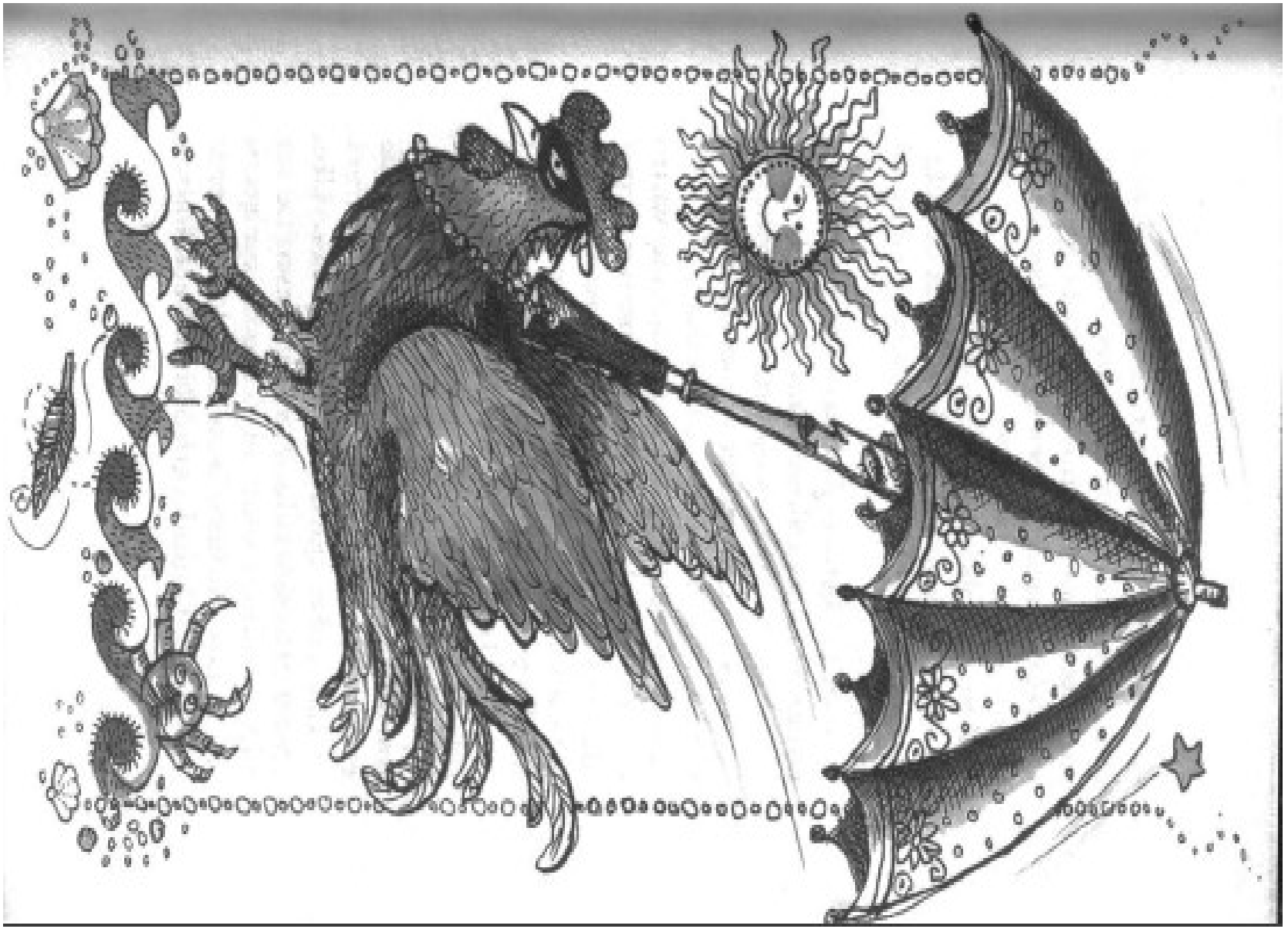
Veio outra onda. E ficou vindo uma onda atrás da outra, mas nenhuma trazia o Afonso de volta. Olhei pra areia: a Guarda-chuva nem tinha visto nada, tava até dormindo. Gritei pelo Afonso de novo. Mas ele não aparecia. Então entrei no mar de uniforme, sapato, bolsa amarela e tudo. Furei uma onda, mergulhei fundo, e aí só não fiquei de boca aberta senão ia engolir muita água: o folgado do Afonso estava lá na maior calma, batendo papo com uma porção de peixes, contando a história do Terrível, dizendo que se alguém quisesse costurar o pensamento deles, eles não deviam deixar e patatipatatá. Quando me viu disse logo:

- Raquel, imagina que nenhum desses peixes tem nome. Eles chamam os amigos de Ei! Psiu! Cara!

De repente, pela primeira vez na minha vida, achei Raquel um nome legal; achei que não precisava de outro nome nenhum. Abri a bolsa, tirei tudo quanto é nome que eu guardava no bolso sanfona e dei pro Afonso. Ele foi distribuindo pros peixes:

- Você aí! você gosta do nome André? Então toma de presente. E você? Topa Reinaldo? ou prefere Geraldo? Ah, você é mulher? Então quer Lorelai? Mas não deu pra ouvir mais nada: meu fôlego acabou e eu tive que sair do mar. Comecei a tremer de frio; o jeito pra esquentar era soltar pipa. Recortei e colei os papéis pra fazer dois rabos bem compridos. Quando o Afonso saiu do mar eu já estava quase no fim. Ele ficou olhando de crista franzida:

- Que negócio é esse, Raquel? pra que dois rabos?



- São duas pipas, você solta uma e eu outra. Aí a gente vê qual que sobe mais. - Preparei dois rolos de linha. - Pronto!

- Pronto o quê? Cadê as pipas?

Abri a bolsa amarela e tirei minha vontade de ser garoto e minha vontade de ser grande. Elas tinham emagrecido tanto que pareciam até de papel.

- Tão aqui. Agora é só pendurar o rabo e amarrar a linha.

O Afonso ficou no maior espanto:

- Você não vai mais esconder as vontades dentro da bolsa amarela?

- Não. Elas viram que eu tava perdendo a vontade delas, então perguntaram se podiam ir embora. Eu falei que sim. Elas quiseram saber se podiam ir que nem pipa e eu disse: “claro, ué”.

- E a tua vontade de escrever?

- Ah, essa eu não vou soltar. Mas sabe? Ela não pesa mais nada: agora eu escrevo tudo que eu quero, ela não tem tempo de engordar.

Os rabos ficaram um barato. Vermelho e amarelo. Peguei a vontade de ser garoto; o Afonso pegou a vontade de ser grande, e a gente ficou vendo de onde é que vinha o vento. Quando eu berrei “já!” nós dois saímos correndo pras pipas pegarem o vento. Lá se foram as duas com o rabo sacudindo.

- Puxa vida, como eu curti soltar aquela pipa! Já tinha cansado de ver garoto empinando pipa; sabia tudo quanto era macete, sabia ver de onde vinha o vento, só não sabia que era tão bom sentir a puxada da linha na mão.

A toda hora o Afonso gritava:

- A minha pipa tá mais alta! - E toca a dar linha.

Eu dava mais linha também:

- Que nada, ó a minha! olha só.

O tempo piorou; o céu foi ficando cheio de nuvem escura.

Toca a dar linha, toca a dar linha, minhas vontades já estavam tão longe! A gente ficou olhando pra elas. Nem viu a linha chegar no fim e ir embora também.

O vento soprou mais forte. As pipas abanaram o rabo e sumiram atrás das nuvens. Ficamos esperando um tempão. Mas elas não apareceram mais. Aí o Afonso resolveu:

- Bom, tá na hora de sair pelo mundo.
- Mas você já vai hoje?
- Agorinha.
- Mesmo?
- Mesmo.

Fiquei quieta. Pensando como é que ia ser. Ele acordou a Guarda-chuva; depois falou:

- Vou sentir saudade de você, Raquel. Mas qualquer hora dessas a gente dá um pulinho aqui.
- Tá. Quando eu vier procurar o barco eu procuro vocês também.
- Não esquece de olhar atrás das pedras: vai ver a gente tá lá fazendo um piquenique e você nem vê.
- Combinado.

A gente se abraçou forte, e a Guarda-chuva fez um discurso enorme.

Quando ela acabou o Afonso traduziu:

- Ela disse “tchau”.

Os dois se prepararam; e quando ele saiu voando ela ainda me jogou um beijo. Num instante eles sumiram.

Tanta coisa estava sumindo no ar que eu nem sei o que é que eu pensei. Só sei que começou a chover, e quando fui fechar a bolsa amarela eu vi o Alfinete de Fralda. Tirei ele pra fora. Mais que depressa a pontinha dele abriu e foi riscando a minha mão:

- Deixa eu ficar? Já tô tão habituado a morar na bolsa amarela. Eu não peso nada... E é bom andar sempre comigo: de repente você tem outra vontade que começa a crescer demais e eu, pin! dou uma espetada nela. Deixa eu ficar?
- Deixo.
- Deixa mesmo?
- Deixo sim.

- Então deixa.

Botei ele de novo no bolso bebê e fui andando pra casa. A bolsa amarela tava vazia à beça. Tão leve. E eu também, gozado, eu também estava me sentindo um bocado leve.

Table of Contents

AS VONTADES
A BOLSA AMARELA
O GALO
HISTÓRIA DO ALFINETE DE FRALDA (QUE MORA NO BOLSO BEBÊ DA BOLSA AMARELA)
A VOLTA DA ESCOLA
O ALMOÇO
TERRÍVEL VAI EMBORA
HISTÓRIA DE UM GALO DE BRIGA E DE UM CARRETEL DE LINHA FORTE
COMECEI A PENSAR DIFERENTE
NA PRAIA